

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CAMPUS POETA TORQUATO NETO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**GERMANNA SARAIVA DE FREITAS**

**JÚLIO ROMÃO DA SILVA: TRAJETÓRIA DE VIDA E INTELLECTUALIDADE**

**TERESINA  
2020**

GERMANNA SARAIVA DE FREITAS

**JÚLIO ROMÃO: TRAJETÓRIA DE VIDA E INTELLECTUALIDADE**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí – Campus Poeta Torquato Neto, para obtenção do título de graduação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Cristina Meneses de Sousa.

**TERESINA  
2020**

**GERMANNA SARAIVA DE FREITAS**

**JÚLIO ROMÃO DA SILVA: TRAJETÓRIA DE VIDA E INTELECTUALIDADE**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí – Campus Poeta Torquato Neto, para obtenção do título de graduação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Cristina Meneses de Sousa.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina Meneses de Sousa  
(Presidente)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Iraneide Soares da Silva  
(1<sup>o</sup> Examinador)

---

Prof. Me. Francisco Lopes da Silva Filho  
(2<sup>o</sup> Examinador)

Com todo amor e gratidão, dedico este trabalho a Deus, à Maria Santíssima e à minha família. Obrigada por serem meu alicerce e me mostrarem que nada é impossível quando, acima de tudo, existe fé e perseverança.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e à Maria Santíssima por terem me dado forças para superar os desafios que essa árdua jornada de quatro anos me impôs e por ter sempre como ponto de partida a oração, para que tudo sempre saia conforme Sua vontade. Sem Eles não teria chegado até aqui e alcançado essa conquista.

Agradeço em especial à minha mãe, Auristela, ao meu pai, Francisco, e meu irmão, Jackson, pelo apoio diário, por terem me incentivado de alguma maneira a trilhar o caminho da vida acadêmica, por toda a dedicação, amor e auxílio para que eu nunca desistisse dos meus sonhos e por tudo que já fizeram e fazem até hoje por mim sempre com suas preocupações e cuidados para comigo.

Agradeço também ao Thiago por toda paciência, confiança e cumplicidade. Por estar sempre à disposição me dando todo o suporte para que eu pudesse realizar meu trabalho e por cada mensagem de incentivo em todos os momentos de fraqueza.

Agradeço ainda a todos os meus familiares e amigos que sempre me deram forças para continuar, alguns também fazem parte (em especial, Arielle, Milena, Mateus, Gabriel, João Victor, Francisco) e compreendem as angústias e dificuldades da vida acadêmica, permitindo que esses quatro anos fossem menos exaustivos. E às minhas amigas, Iálice e Fabíola, que fazem parte do meu alicerce, por toda irmandade, pelos momentos compartilhados, por colorirem a minha vida de forma inexplicável.

Agradeço a todos da Academia Piauiense de Letras, do Memorial Esperança Garcia, ao professor Élio Ferreira, à professora Dra. Iraneide Soares da Silva, professor Francisco Lopes da Silva Filho e Ací Campelo e aos demais professores que me ajudaram disponibilizando alguns de seus materiais sobre a temática que desenvolvi, bem como pela atenção e disponibilidade necessárias para a construção deste trabalho.

Agradeço a todos os docentes da UESPI dos quais fui aluna, pois essa jornada só foi possível graças a cada um que contribuiu para minha formação profissional e pessoal.

Agradeço à minha orientadora, Professora Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina Meneses, por sua orientação e paciência para que fosse possível a construção desta pesquisa e por dedicar seu tempo e repassar seus conhecimentos a cada encontro.

## RESUMO

Júlio Romão da Silva se destacou enquanto sujeito ímpar para os diversos setores da sociedade do Rio de Janeiro e de Teresina: atuou na imprensa, na política e nas artes cênicas. Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as trajetórias de Júlio Romão abordando os espaços onde se inseriu e contribuiu enquanto intelectual negro e militante. Almeja-se, especificamente, apresentar a trajetória de Júlio Romão, discutir sobre o papel dos intelectuais engajados na escrita afro-brasileira a partir do percurso intelectual de Júlio Romão, analisar suas obras e as suas influências literárias. Além disso, identificar-se-á a relevância dos movimentos negros e do teatro para a vida intelectual de Júlio Romão tendo como aporte a coleta e análise de fontes primárias, como fontes audiovisuais, literárias, documentais, fotografias, revistas e jornais, dentre eles, o Jornal O Dia, Jornal Meio Norte e Jornal Sapiência. Na organização do corpus desta pesquisa, a leitura de obras de autores como Élio Ferreira, Evani Lima, Michel de Certeau e Edelcio Mostaço foram importantes para a temática trabalhada. Constatou-se que apesar das diversas contribuições ao longo dos 95 anos de Júlio Romão da Silva, a população piauiense não tem conhecimento sobre sua carreira e observou-se a inexistência de informações sobre suas contribuições dentro dos espaços que foram citados no decorrer do trabalho, principalmente, a Academia Piauiense de Letras. Entretanto, enquanto militante, no Rio de Janeiro, foi afamado como referência para a causa negra.

**Palavras-Chave:** Júlio Romão. Trajetória de Vida. Intelectual. Movimentos Negros. Militância.

## **ABSTRACT**

Júlio Romão da Silva stood out as a unique subject for the various sectors of society in Rio de Janeiro and Teresina: he worked in the press, politics and the performing arts. Therefore, the general objective of this research is to analyze Júlio Romão's trajectories, approaching the spaces where he was inserted and contributing as a black intellectual and militant. The aim is specifically to present Júlio Romão's trajectory, discuss the role of intellectuals engaged in Afro-Brazilian writing from Júlio Romão's intellectual path, analyze his works and his literary influences. In addition, the relevance of the black movements and theater to Júlio Romão's intellectual life will be identified, with the collection and analysis of primary sources, such as audiovisual, literary, documentary, photographs, magazines and newspapers, among them, O Dia Newspaper, Meio Norte Newspaper and Sapiência Newspaper. In the organization of the corpus of this research, the reading of works by authors such as Élio Ferreira, Evani Lima, Michel de Certeau and Edelcio Mostaço were important for the subject matter. It was noted that despite the various contributions over the 95 years of Júlio Romão da Silva, the Piauiense population has no knowledge about his career and it was observed the lack of information about his contributions within the spaces that were cited in the course of the work, mainly the Piauiense Academy of Letters. However, as a militant, in Rio de Janeiro, he was famous as a reference for the black cause.

**Keywords:** Júlio Romão. Life Trajectory. Intellectual. Black Movements. Militancy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 - Nota sobre a homenagem concedida a J. Romão da Silva em comemoração aos seus 80 anos .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 2 - Fotografia do Aniversário de fundação da Frente Negra Brasileira: uma parte da assistência. ....</b>	<b>39</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 A TRAJETÓRIA DE VIDA E INTELLECTUALIDADE DE JÚLIO ROMÃO DA SILVA .....</b>	<b>13</b>
1.1 Trajetos e História de Vida de Júlio Romão .....	13
1.2 Trajetória Intelectual de Júlio Romão .....	22
<b>2 MILITÂNCIA E INTELLECTUALIDADE DE JÚLIO ROMÃO.....</b>	<b>30</b>
2.1 Influências Literárias e Obras de Júlio Romão .....	30
2.2 O Teatro e Teatro Experimental Do Negro.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa norteia-se a partir da necessidade de conhecer e compreender a história de Júlio Romão da Silva e sua trajetória de vida e intelectual negro, como ele mesmo se intitulava. Apesar das dificuldades, destacou-se diante uma sociedade marcada pelo preconceito racial, cuja maioria dos intelectuais não se interessava pela escrita afro-brasileira e, por esse motivo, buscou manter aproximação com os diversos setores da sociedade brasileira através de suas obras e feitos, alcançando papéis de destaque na imprensa, na política, na literatura e no teatro.

De antemão, é necessário explicitar a dificuldade em encontrar documentação ou informações sobre Júlio Romão. No Memorial Esperança Garcia<sup>1</sup> e na Academia Piauiense de Letras são praticamente inexistentes dados ou fontes sobre este sujeito. Era esperado um acervo maior ou mais informações sobre ele, especialmente no Memorial Esperança Garcia, onde a biblioteca local é nomeada em sua homenagem. Além de serem locais que o intelectual frequentou ativamente ao longo dos anos, deveriam prezar pelo objetivo institucional de preservar a participação e a história de sujeitos como Romão.

A maioria do acervo foi perdida após a morte de Júlio Romão, gerando uma notória dificuldade em obter informações através dos familiares, que já não moram mais na cidade de Teresina e a viúva, Zélia Romão, que se encontra atualmente com a saúde fragilizada. A maior parte do acervo pessoal de Júlio Romão encontra-se sob cuidados do teatrólogo Ací Campelo<sup>2</sup>, que disponibilizou sua casa para análise da documentação disponível, desde textos, obras, jornais a fotos pessoais de Júlio Romão.

A presente pesquisa aborda aspectos ligados à biografia e aspectos da intelectualidade de Júlio Romão, portanto, a ausência de recorte temporal no decorrer do texto assegura uma amplitude maior de trabalho, visto que são poucas publicações

---

<sup>1</sup> Inaugurado no ano de 2007, a priori era denominado de Memorial Zumbi dos Palmares e, atualmente, recebe o nome de Memorial Esperança Garcia, um espaço de visitação, pesquisa e valorização da cultura afro, dispendo de salas de exposições e biblioteca.

<sup>2</sup> Francisco Ací Gomes Campelo, nasceu em 1955 em Lago da Pedra (MA), é formado em artes cênicas e pós-graduado em História Sócio Cultural, professor, dramaturgo e escritor, reside, atualmente, em Teresina (PI). Disponível em: <https://www.blogger.com/profile/09029638472663001408> . Acesso em: 09/02/2020.

existentes sobre Júlio Romão e, entre estas, as severas dificuldades a encontrá-las. Por essas razões, explica-se não se ter fechado especificadamente em um recorte temporal no percurso desta pesquisa.

Buscou-se usar, ao máximo, a documentação encontrada para colaborar na ampliação do conhecimento acerca da história de Júlio Romão e sua luta pelo respeito aos princípios de igualdade social e racial. Para tanto, buscou-se analisar cautelosamente os caminhos pelos quais percorreu, além de destacar suas obras e seu engajamento nas discussões acerca da causa negra. A sua importância deve ser propagada, combatendo incisivamente o ostracismo ou apagamento da história, pois trata-se de um dos mais relevantes intelectuais e dramaturgos para a sociedade como um todo, principalmente, para o Piauí e Rio de Janeiro.

Portanto, o presente trabalho se justifica, em primeiro momento, pelo interesse em pesquisar sobre os intelectuais da cidade de Teresina, visando compreender os espaços que percorreram e seus escritos, a fim de preservar a memória e história da capital piauiense. Com efeito, a temática pensada sob a orientação da professora Dra. Ana Cristina Meneses, possibilitou o conhecimento sobre a pessoa de Júlio Romão da Silva, tornando-se o objeto de estudo desse trabalho, por suas contribuições enquanto referência negra.

No que se refere à justificativa acadêmica do tema tratado, visto que no curso de licenciatura em História, do campus Poeta Torquato Neto, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), não encontra-se uma grande diversidade de trabalhos sobre o sujeito de pesquisa, este trabalho propõe-se a lançar debates e discussões com maior brevidade, para reconhecimento e aprofundamento de estudos sobre os intelectuais da cidade de Teresina.

Essa discussão é pertinente para os campos da história social, história cultural e história política, mantendo a interdisciplinaridade e transversalidade com as demais áreas, visto que, em determinados pontos, existe uma aproximação com a literatura, promovendo o avanço no conhecimento, bem como a agregação em novas discussões sobre a temática.

Como justificativa social, almeja-se contribuir para com a sociedade por meio da entrega de conhecimento a respeito de um tema complexo e pertinente para a sociedade brasileira, fundamentalmente, por viabilizar uma quebra de preconceito quanto ao negro. É perceptível a necessidade de inclusão, que sempre esteve presente diante do passado escravocrata brasileiro. Por essa razão, analisar Júlio

Romão enquanto sujeito que se insere nos diversos setores e que contribui para a história brasileira e história do negro estimula a criticidade no que tange a problemática trabalhada neste estudo.

A partir disso, levantou-se o seguinte questionamento: De que forma a militância e a escrita de Júlio Romão foram importantes para o seu reconhecimento e para a reafirmação da identidade negra, considerando as discussões da sociedade brasileira no século XX e XXI? Sendo assim, o objetivo geral do trabalho é analisar as trajetórias de Júlio Romão, compreendendo tanto os espaços que se inseriu enquanto intelectual e militante, como a sua participação no teatro enquanto ampliação da sua escrita, e fazer uma breve biografia de sua vida. Em suma, de forma específica, buscou-se apresentar a trajetória de Júlio Romão da Silva discutindo sobre o papel dos intelectuais engajados na escrita afro-brasileira, refletindo sobre suas obras e influências literárias, procurando identificar a relevância dos movimentos negros e do teatro a partir das contribuições sociais e intelectuais de Júlio Romão.

Com referência aos procedimentos metodológicos, a pesquisa tem natureza bibliográfica e documental. Quanto ao suporte bibliográfico, são usados autores que contemplam a temática, dentre eles Élio Ferreira, Evani Lima, M. de Certeau, Norberto Bobbio e Edelcio Mostaçõ. Na parte documental, o corpus compõe-se de um grupo variado de fontes literárias e primárias que corroboram com o que é apresentado no decorrer do trabalho, sendo elas as próprias obras de Júlio Romão da Silva, jornais, entrevistas, revistas, entre outros instrumentos, com o intuito de ser o material necessário para a escrita e conclusão deste trabalho monográfico.

Em termos estruturais, o trabalho divide-se em dois capítulos. O primeiro, intitulado “A trajetória de vida e intelectualidade de Júlio Romão da Silva”, contempla a trajetória de Júlio Romão (1917-2013) como importante escritor, jornalista, etnologista e teatrólogo, traçando aspectos da sua vida, apresentando sua formação primária e superior, além de suas várias idas e vindas a Teresina e Rio de Janeiro e inserção na imprensa e em diversas instituições. Aborda também a sua carreira intelectual, relacionando os diversos conceitos e destacando fatores que o levaram a alavancar-se enquanto intelectual, através da sua inserção nas Academias de Letras, a exemplo da Academia Piauiense de Letras, que desempenha a função de viabilizar a imagem dos intelectuais piauiense.

O segundo capítulo, intitulado “Militância e intelectualidade de Júlio Romão”, faz uma análise das obras de Júlio Romão, dentre elas “Luís Gama: poesia

satírica”, “Teodoro Sampaio: a vida, a obra, a figura humana” e “Memória sobre a transferência da capital do Piauí”, apresentando suas influências literárias: Luís Gama, Teodoro Sampaio. E Solano Trindade como referência para discutir suas participações nos movimentos negros. Por fim, aborda-se sobre a relevância do teatro a partir das contribuições sociais e intelectuais de Júlio Romão para o teatro negro brasileiro, através do Teatro Experimental do Negro e da peça “Mensagem do Salmo”. O teatro desempenharia uma maneira estratégica dos negros serem reconhecidos.

## 1 A TRAJETÓRIA DE VIDA E INTELLECTUALIDADE DE JÚLIO ROMÃO DA SILVA

Este capítulo tem por objetivo fazer uma análise da trajetória de vida e intelectualidade de Júlio Romão da Silva, destacando alguns aspectos que permearam sua vida, observando sua formação primária, superior e apreço pela marcenaria. Observa também os espaços aos quais ele preencheu no decorrer de sua vida, por exemplo: o interesse pela escrita, pela geografia, sua atuação na Academia Piauiense de Letras, no IBGE e na imprensa.

Discutindo acerca do conceito e papel dos intelectuais a partir do percurso intelectual de Júlio Romão que, ao mesmo tempo, aproximou-se de grandes intelectuais brasileiros e visava alcançar um espaço para si enquanto negro e buscou, através da sua escrita, defender e criar uma identidade negra por confrontar-se com a inexistência e preconceito com a escrita negra, desde o autor até a produção em si sobre o negro.

### 1.1 Trajetos e História de Vida de Júlio Romão

Nascido em 22 de maio de 1917, Júlio Romão da Silva, conhecido como J. Romão, recebeu este nome em homenagem ao Padre Cícero Romão de Juazeiro, Ceará. Natural da cidade de Teresina, Piauí, local que lhe traria momentos de aflições, dedicação e militância.

Um verdadeiro descendente de africanos, que se orgulhava muito de seus tempos de infância, filho de Luiz Quirino da Silva e Joana Quirino.

Com apenas 4 anos de idade teve a notícia da morte de seu pai e, segundo as suas palavras em entrevista ao Programa Recontar<sup>3</sup>(2013), conta que “[...] quando ele morreu eu fui apanhado daqui da casa da minha vó pra dá a benção a meu pai, Luiz Quirino da Silva, rei congo, ele era rei congo daquela brincadeira de congo [...] a congada”<sup>4</sup>. Em seguida, passou a morar com sua avó paterna, Mônica Efigênia, na

---

<sup>3</sup> Programa Recontar é uma produção piauiense independente. A entrevista foi gravada em Teresina-PI no estúdio da Set Audiovisual, e publicada no dia 20 de julho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K4aRcKomC-k>. Acesso em: 30 de Julho de 2019.

<sup>4</sup> Congada é uma manifestação cultural religiosa originada na África, tendo registro em Pernambuco em 1674, trata-se de um tipo de dança que representa a coroação do rei congo ou rainha do congo acompanhado de um cortejo, com muita música, utilizam a cuíca, o pandeiro, dentre outros, geralmente, acontece no mês de outubro.

Rua Do Amparo, como era conhecida na época (hoje leva o nome de Rua Anísio de Abreu<sup>5</sup>). Segundo Alcebíades Costa Filho:

De família negra e pobre, sua orientação foi marcadamente feminina. A lembrança de autoridade familiar é uma avó, Mônica Efigênia, “uma negra donairosa”, nas palavras do próprio Júlio Romão. Era funcionária da Prefeitura de Teresina, cuidava do chafariz da rua onde morava. “Tinha autoridade”, diz Júlio Romão. A avó Mônica Efigênia sabia “se fazer obedecer” e circulava com desenvoltura entre as pessoas da elite da cidade de Teresina da sua época. (2018, p. 21)

Nesse sentido, em virtude da influência de sua avó, preocupou-se desde muito cedo com os estudos e com a aproximação com diversas pessoas renomadas da cidade. Por ser negro e por ser pobre, deparou-se com muitas dificuldades, principalmente, devido à dificuldade de possuir uma boa educação, pois a mesma era tida de forma precária. O ensino superior no Piauí foi pensado no início do século XX, pois até então àqueles que aspiravam assumir uma vaga em faculdade precisavam se deslocar para outros estados e somente as pessoas que possuíam uma boa condição, tanto social quanto financeira, conseguiam completar o ensino superior, fosse em Recife, em São Paulo ou fora do país.

Até 1930, o Piauí ainda não dispunha de uma faculdade, havendo a urgência de instalação de uma, como desejo da elite intelectual do Estado (FERREIRA; LOPES, p. 4, 2013), alcançou resultados no ano de 1931, com a criação da primeira instituição de ensino superior do Estado do Piauí: a Faculdade de Direito do Piauí<sup>6</sup>. Apesar disso, Júlio Romão sempre afirmava sua paixão e interesse pelos estudos:

Eu queria mesmo era estudar, ser escritor, ser alguém que fosse motivo de orgulho para minha família porque, na época, os familiares se orgulhavam de ter um doutor, um homem de letras. Quando aparecia alguém formado, o povo corria para as portas, todo mundo admirava (CAMPELO; FERREIRA, p. 60, 2012).

Júlio Romão, então, rompe essa barreira, pois sem nenhum poder aquisitivo, consegue avançar nos estudos e concluir a faculdade de Comunicação Social fora da sua cidade natal e foi considerado o primeiro piauiense a ter um diploma de Comunicação Social no Rio de Janeiro.

---

<sup>5</sup> Anísio Auto de Abreu (1864-1909) se destacou como político, escritor e jornalista piauiense, colaborando em vários periódicos do Piauí, Pernambuco e Rio de Janeiro.

<sup>6</sup>Foi fundada em meio às mudanças sociais e políticas advindas da Revolução de 1930, e surgiu de maneira tardia, se for comparada com outras instituições de ensino superior do país. (FERREIRA; LOPES, 2013)

A priori, em Teresina, quanto aos seus estudos primários, iniciou e concluiu na antiga escola Demóstenes Filho, atualmente Biblioteca Pública Estadual Desembargador Cromwell de Carvalho, que se localiza na Praça do Fripisa e, após sua conclusão, interessou-se pela marcenaria, entrando na Escola dos Aprendizes e Artífices<sup>7</sup>, em que em 1936 obteve sua formação de marceneiro. Nos seus momentos de formação na escola de marcenaria, Júlio Romão relembra, ao Programa Recontar (2013), sobre o fascínio que tinha por cinema

[...] e ali, por incrível que pareça, era um bar de um sírio-libanês. Início do século XX, o cinema Olimpyo, foi onde eu conheci cinema aqui ainda jovem, quando eu estudava marcenaria, praticava aprendizagem de marcenaria na Escola de Aprendizes e Artífices. (SILVA, Júlio Romão, Entrevista concedida ao Programa Recontar, 2013).

Quanto à ideia sobre cinema, Teresinha Queiroz (1998, p. 33) reitera em suas pesquisas que, nesse período, Teresina estava inserindo-se em um contexto de inovações culturais, e o cinema foi, durante as primeiras décadas do século XX, a diversão mais atraente, ainda que século XIX esse lugar pertencesse ao teatro.

Através de sua profissão de marceneiro, Júlio Romão iniciou seus primeiros trabalhos em Teresina. “[...] Fazia mesas e cadeiras, que vendia por alguns cobres com quem pagava os amores de “cunhãs” safadas da beira do Parnaíba” (FILHO [s.d], *apud* CAMPELO; FERREIRA, 2012), além de ser um divisor de águas para mudar-se para a cidade de São Luís, pois buscava algo mais grandioso em relação ao conhecimento e até mesmo visando quebrar preconceitos que vivenciara, pois

O homem negro é aquele ser ambíguo, pois, se por um lado ele é homem, e, logo, receberia dividendos patriarcais por essa condição, por outro, é negro, sendo interdidas muitas dessas prerrogativas masculinas. O racismo, com seus mecanismos e barreiras artificiais, impede que os homens negros possam desempenhar papéis de relevância na sociedade brasileira. (SOUZA, Henrique Restier da Costa, 2017).<sup>8</sup>

Júlio Romão buscou mostrar que era possível que um homem negro desempenhasse um papel de destaque na sociedade, pois com apenas 17 anos deixou Teresina, com a “cara e a coragem” – como ele mesmo conta ao Programa

---

<sup>7</sup> Criado no governo de Nilo Peçanha, em Teresina- PI no ano de 1909, com aulas de letras, desenho e oficinas, e em 1911 incluindo as atividades de aprendizado em marcenaria, sapataria, serralharia, que, posteriormente, foi denominada Escola Industrial do Piauí e conhecida hoje como Instituto Federal do Piauí – IFPI.

<sup>8</sup> SOUZA, Henrique Restier Da Costa. Como é ser um homem negro no Brasil? Publicado em 3 de julho de 2017. Acesso em: 30 de julho de 2019. Disponível em: <http://www.justificando.com/2017/07/03/como-e-ser-um-homem-negro-no-brasil/>

Recontar (2013). Pelas imensas dificuldades que vivia, pela falta de dinheiro, recorreu aos políticos da cidade de Teresina para buscar ajuda para financiar sua ida, no entanto, não obteve êxito. Júlio Romão da Silva frisa sobre sua aventura: “Peguei um barco, um barco não, uma canoa. Eu fui até Flores, como era chamado o atual Timon, de Flores, eu peguei um trem de carona, o trem ia de Flores até São Luís do Maranhão, viajei de carona, dormi no caminho.”

Em São Luís, atuando como marceneiro, teve seu primeiro contato com a dramaturgia que, posteriormente, ao retornar para a cidade maranhense tornou-se coordenador do teatro. E no ano de 1937, com destino ao Rio de Janeiro, local que seu ofício com as letras ganharia forma, Júlio Romão adentra no cargueiro chamado Costeira Santos, “junto a fardos de mercadorias, na época o lugar reservado aos pobres que não podiam comprar uma passagem” (CAMPELO ; FERREIRA, 2012, p. 33), tendo como alimentação apenas rapadura e farinha durante os longos dias de viagem. Ao chegar ao Rio de Janeiro, Campelo (2018, p. 15) descreve a reação de Júlio Romão:

Matuto abestalhado, perdido na cidade grande, a trepidante cidade maravilhosa. Saltou, então, no cais do porto, na Praça Mauá, e ao deparar-se com aquele monstro de edifício armado do Jornal A Noite, sentiu-se pequenino, e tal como um mosquitinho diante de um elefante, apontou o dedo para o último andar do prédio de 22 andares, e disse: Um dia eu subo ali. E subiu – palavras do próprio Júlio a mim. E realmente ele chegou lá.

É interessante, então, frisar que passou um longo período tendo que conviver na rua e chegando até mesmo a ser comparado aos mendigos da cidade. Mas não se deixava esmorecer. Sempre buscava estudar e vivia em constante busca de emprego, ainda que fosse quase impossível encontrar, pois o preconceito com sujeitos negros era visível e os anúncios de emprego eram destinados apenas às pessoas consideradas cidadãs brancas. Assumiu serviços desde engraxate a limpador de chão como forma de sustentar-se, como declarou no Programa Recontar (2013):

Eu chego lá no jornal, foi o início da história, eu pego lá e começo a escrever, anotei umas coisas que eu li e saiu no jornal que eu apontei [...] subo lá no elevador e disse: - *quem é que manda aqui?* Eu era um pouco abusado e muita gente [...]. Então era aquilo lá: Vieira de Melo. Eu tinha muita amizade por ele, tinha uma amizade por intriga, então eu: - *Oh Viera “cê” que manda aqui?* Era um nordestino “mei” abusado, eu não dava muita confiança. Ele disse: - *qual é o problema?* Eu disse: - *eu quero publicar isso aqui.* Então o “Clóvis” ramallete era o secretário do jornal e o diretor era o Vieira de Melo, aí o Vieira de Melo entregou ao Clóvis Ramallete, o texto do Aleijadinho.

Nesse ínterim, prestou serviços gerais no Jornal do Brasil, até ser redator e arquivista na Revista O Malho<sup>9</sup>. Segundo as palavras de Júlio Romão em entrevista ao Jornal Irohin (2005), após essa longa jornada de sofrimentos e trabalho, buscou aproximação com sujeitos de grande renome na cidade, visando não viver somente de empregos de favores, mas para tornar-se alguém útil, prestativo e independente.

Quanto à formação superior, ingressou na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro como único estudante negro na universidade, “[...] se insere no mundo, audaz, transita pelo mundo dos brancos, conquistando espaços com sua inteligência aguçada” (FILHO, 2018, p. 21). Considerado o primeiro piauiense a ter formação em Comunicação Social em uma faculdade carioca e poeta como forma de agradecimento aos amigos que dividiram anos de estudo, tornou-se a partir desse momento um símbolo de luta e resistência ao se destacar como o único negro nesse cenário.

Assim, na década de 1940, atua como precursor dos movimentos sociais, como forma de pressionar o governo a lutar contra o preconceito racial. Na qual, de acordo com Souza (2013, p. 2):

“consciente da condição de escritor negro, engajado aos princípios de igualdade social e racial, uniu-se a jovens autores negros, tornando-se um dos precursores na construção dos ideais étnico-raciais, políticos, culturais e literários do movimento negro no Brasil.”

Quanto a esses movimentos, é importante frisar que destacou-se como líder do Movimento Municipalista Brasileiro e que participou ativamente da Frente Igualitária Brasileira ao lado de personalidades como Luís Carlos Prestes<sup>10</sup>, seu amigo pessoal, Abdias Nascimento<sup>11</sup>, com quem dividiu suas paixões pela dramaturgia e outros intelectuais, partilhando e destacando a importância do Teatro Experimental do Negro.

Nesse período, a maioria dos intelectuais acreditava no papel relevante desempenhado pelo teatro e acabava engajando-se em criações teatrais, pois assim como em diversas outras áreas em que se inseriam, principalmente, na imprensa para

---

<sup>9</sup> A Revista O Malho, começou a ser veiculado no ano de 1902, fora criada por Luís Bartolomeu de Souza e Silva, era voltada para a vida política do país e para a cultura.

<sup>10</sup>Nasceu em 1898, se destacou como político, militar e liderou em 1925 a Coluna Prestes.

<sup>11</sup>Abdias do Nascimento (1914-2011) foi um político, ativista social brasileiro, escritor, poeta e principalmente dramaturgo, defendendo a cultura e a igualdade dos afrodescendentes. Criou o Teatro Experimental do Negro e participou da Frente Negra Brasileira.

irem além da escrita, percebiam o teatro como uma estratégia dotada de maior alcance para com as ideias das peças encenadas. Eram caminhos para galgarem seus lugares de reconhecimento e mérito.

Em meados do ano de 1943, Júlio Romão auxiliou na criação do IBGE<sup>12</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) e, com essa instituição, o governo visava a modernização através dos resultados estatísticos. Por essa razão, o IBGE sempre priorizou como função criar e organizar dados estatísticos da população. Nesse contexto, ele auferiu enorme fascínio, sobretudo, pela área da geografia – a qual é notória em quase todas as suas obras a proficiência dessa ciência como ponto crucial para compreender as populações indígenas e os afrodescendentes.

Ademais, corrobora Alcebíades Costa Filho, quando trata de estatística, estuda os “Fundamentos do sistema estatístico – Geográfico Brasileiro” e quando pesquisa sobre línguas indígenas, é para conhecer melhor a geografia, dado que

É um homem habituado a aplicação de regras e princípios de ciências para solução de problemas. Sua “Memória histórica sobre a transferência da capital do Piauí”, de 1952, é sua contribuição para as discussões sobre a transferência da capital do país do Rio de Janeiro para Brasília, muito mais que opúsculo comemorativo do centenário de sua cidade natal. (FILHO, Alcebíades Costa, p. 24, 2018).

Na década de 1950, Júlio Romão já carregado de uma bagagem de conhecimento e defensor de suas raízes, retornou a sua cidade natal, Teresina, visando engajar-se na política. Atuando no serviço público e convivendo com os mais célebres políticos da época, conseguiu ser eleito vereador. No entanto, por decisão própria, não assumiu o cargo.

E no ano de 1963, retorna, novamente, para o Rio de Janeiro, nesse período, o país estava sob a presidência de Getúlio Vargas, que desenvolveu diversas contribuições culturais para a contemporaneidade, investindo na consolidação de novas formas de comunicação, sendo o rádio o veículo de massa mais importante para explanar sobre o regime então no poder, os gêneros musicais e a literatura que dava ênfase ao povo brasileiro ganharam um olhar atento por parte da população.

Enquanto amante da literatura, Júlio Romão da Silva engajou-se para escrever e publicar diversas obras, tendo curso complementar em Literatura na

---

<sup>12</sup>Se constitui no principal provedor de dados e informações do país, que atendem às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/institucional/o-ibge.html> Acesso: 23 dez 2019

Academia Brasileira de Letras, em que frisa Campelo (2018, p. 18) “academia que Júlio Romão concorreu por duas vezes e, como ele mesmo dizia, da última vez perdera para o seu adversário por que além de cultura e inteligência, ele era branco e rico”.

Pela sua produção literária, recebeu várias premiações e títulos, como o prêmio Claudio de Sousa da Academia Brasileira de Letras, com sua obra “A Mensagem do Salmo”<sup>13</sup>, que ganhou nova adaptação para o cinema mexicano, e com sua peça teatral “José, o Vidente”. Transitou nos mais variados espaços, até se encontrar definitivamente na dramaturgia.

Em 1986, retornando a Teresina assume a cadeira 31 da APL (Academia Piauiense de Letras<sup>14</sup>), trazendo consigo uma bagagem de intelectualidade e dramaturgia, mostrando-se, assim, como um personagem histórico fundamental para valorizar a figura do intelectual negro no Brasil e os diversos espaços. Não só no Estado do Piauí, mas do Rio de Janeiro e em outras cidades, a sua crítica literária afrodescendente, a etnolinguística indígena e a dramaturgia adquiriram importância, visto que foram os dois focos em que esse intelectual se lançou veementemente: o ativismo negro, indígena e teatro.

Graças à sua dedicação às letras e ao seu compromisso enquanto ser social e intelectual que acabara dividindo espaço com outros intelectuais e políticos, quebrou o tabu quanto ao negro e conseguiu assumir posição de importância e visibilidade em diversos locais.

Em seu último retorno ao Rio de Janeiro, antes de voltar a Teresina definitivamente, Júlio Romão sobressai-se como escritor com a sua obra “A Mensagem do Salmo” (1967), remodelada como peça teatral, sendo a quinta peça produzida por ele.

Para Alceu Amoroso Lima ([s.d] *apud* CAMPELO, FERREIRA, p. 151, 2012), “o teatro objeto de suas preocupações no âmbito domínio das letras, é sem dúvida, a forma estética mais próxima da vida em ato, da vida vivida em sua máxima comunicabilidade”. Assim, o dramaturgo Júlio Romão evidencia na sua peça uma forma de peça-depoimento-testamento, pois “o salmo que foi escrito em bom

---

<sup>13</sup> A peça “Mensagem do Salmo” apesar das inúmeras dificuldades de se reconhecida no Piauí, ganhou uma apresentação teatral, no evento denominado “sexta cultural” na Universidade Estadual do Piauí e encenada também na Academia Piauiense de Letras em novembro de 2018, pelo grupo Aspetúnias.

<sup>14</sup> Fundada em 1917, na cidade Teresina-PI, sediada na Avenida Miguel Rosa, que reúne os mais célebres escritores piauienses.

português por um poeta negro de grande talento e de rara intuição dramática, que é Romão da Silva, é o salmo do protesto” (LIMA, 2012, p. 152).

Além dessa obra e da peça teatral “A mensagem do Salmo”, Júlio Romão destacou-se também com a peça “José, o Vidente: saga dramática de Israel”, que ganhou o prêmio do Teatro Cláudio de Souza da Academia Brasileira de Letras, tendo como reconhecimento pela comissão da ABL (1974), as seguintes palavras:

Sob o ponto de vista da literatura teatral os méritos da obra de J. Romão da Silva se evidenciam na segura construção das cenas como vigor e na fluência dos diálogos, estas sempre de boa linguagem. A peça é um teatrorólogo com o senso da arte dramática, digno, portanto, da láurea acadêmica (CAMPELO, FERREIRA, 2012, p. 188).

Devido aos variados serviços que prestou na imprensa, nos jornais, no teatro e na política, na cidade do Rio de Janeiro recebeu o título de Cidadão Carioca Honorário e, por unanimidade na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, foi homenageado com uma rua carregando o seu nome no bairro do Méier, em 1966. Foi, também, consultor da coleção Discussões do Brasil, da Editora Vozes. Segundo Campelo e Ferreira (2012, p. 71)

Em julho de 2001, realizou exposição biográfica dos livros publicados e fotográficas, memória iconográfica, no Clube dos Diários, em Teresina - PI, sendo ali prestigiado pelas ilustres presenças de seus confrades da ABL [...] e naquele mesmo ano, Júlio Romão doou o seu acervo bibliográfico e fotográfico para a Universidade Estadual do Piauí.

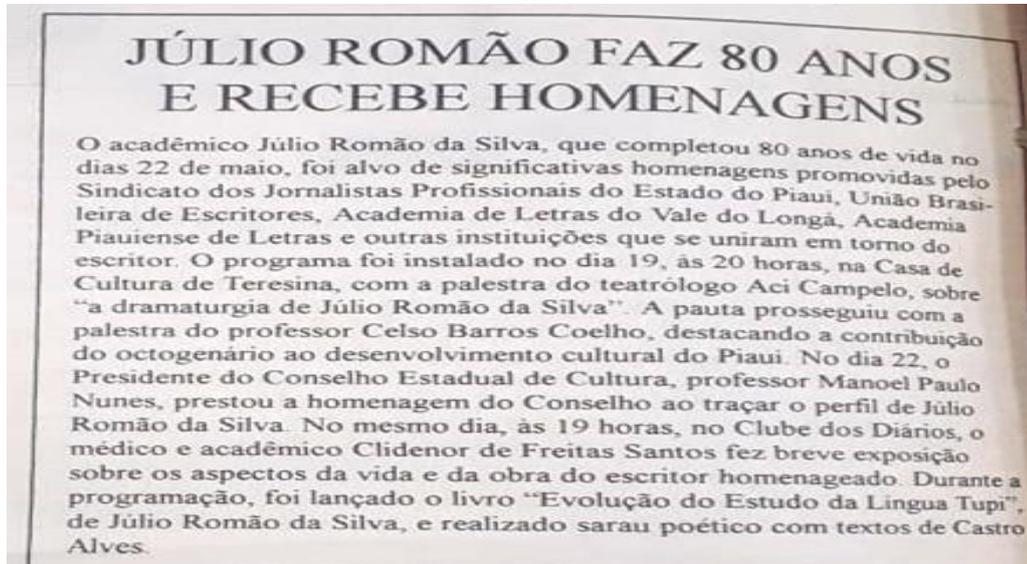
Júlio Romão se aposenta como funcionário do IBGE e então regressa, definitivamente, a Teresina no ano de 1988, após quase 60 anos percorrendo os setores do Rio de Janeiro, doando-se ao contínuo ofício de intelectual, como ele mesmo afirmou na entrevista concedida ao Jornal O Dia, em 2005:

Eu já sou aposentado e dedico minha vida a leitura, a escrever temas que gosto. Depois que voltei do Rio de Janeiro, para me estabelecer novamente aqui, procuro colaborar com artigos na imprensa, além de escrever meus livros e organizar meu arquivo pessoal.

Em 1999, após longos anos de dedicação às letras e de militância contribuindo para definir e preservar a identidade negra e indígena, Júlio Romão recebeu em Teresina uma homenagem da Academia Piauiense de Letras (APL), promovida por várias instituições que se uniram para prestigiá-lo através de palestras com participação do teatrorólogo Ací Campelo e do professor Celso Barros, que

destacavam a contribuição do intelectual e dramaturgo, noticiado no Notícias Acadêmicas (1986-1999), informativo da APL:

**Figura 1 - Nota sobre a homenagem concedida a J. Romão da Silva em comemoração aos seus 80 anos**



Fonte: Caderno de Notícias Acadêmicas -1997 (Academia Piauiense de Letras)

No decorrer do ano de 2010, ele foi premiado com o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Piauí e homenageado no II Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural, ambos na sua cidade natal. Além de várias obras publicadas e do engajamento no teatro, aproximou-se de Ací Campelo, a quem confiou a maior parte do que restou de seu acervo pessoal. Campelo (2018) frisa: "lembro-me de ter pedido a ele para embalar aquilo tudo e guardar, quando, para a minha surpresa, ele determinou que eu seria o detentor daquele material, sem antes assinar um termo de guarda". E aos 95 anos de idade recebeu "uma grande exposição sobre sua vida e sua obra. Essa exposição ficou exposta na Universidade Estadual do Piauí e na Galeria do Clube dos Diários, em Teresina. Era um extenso material de fotos, diplomas e jornais, a maioria original." (2018, p.17).

Em 2018, Júlio Romão faleceu na cidade de Teresina, deixando, além da saudade de todos os seus admiradores, um legado de "defensor de suas raízes, a preocupação com a língua e costumes indígenas; o teatro dramático, onde a religião e política se fundem em manifestos de doutrina ideológica e a curiosidade sobre os aspectos da história" (NOTÍCIAS ACADÊMICAS, 1999, p. 4).

Apesar de sua contribuição e vivacidade nas suas peças teatrais como a peça “Mensagem do Salmo” (1967), “José, o vidente: saga dramática de Israel.” (1983) e nas suas obras “A Mensagem do Salmo” (1990), “Primeiras Trovas Burlescas de Getulino” (1954), “Geonômásticos Cariocas de Procedência Indígena”, “Denominações Indígenas na Toponímia Carioca (1966)”, “Luís Gama e suas Poesias Satíricas” (1981) e “Memória sobre a Transferência da Capital do Piauí” (1994).

Entretanto, Mauricio Ferreira Dias indaga que: “O Brasil desperdiça talentos. Caso típico é o desse grande piauiense, carioca por adoção. Cadê os livros produzidos pelo etnólogo Júlio Romão? [...] a única coisa que Romão não perdeu foi a chama de seu notável talento” (Jornal O Estado, 1994), sinalização da insatisfação e incompreensão pelo reconhecimento limitado e o que indica a necessidade de ampliação acerca da sua carreira intelectual, a qual será abordada na seção seguinte.

## 1.2 Trajetória Intelectual de Júlio Romão

Entre o século XIX e XX, abre-se espaço para os intelectuais, começando a ser percebido fortemente sua circulação, principalmente, no decorrer do século XX, que antes eram denominados como eruditos, seja qual fosse a área que atuasse. Porém, indaga-se “O que seria realmente um intelectual?”. Para Norberto Bobbio (p. 111, 1997), a ideia de intelectual tem diversos conceitos e significados que se modificam ao longo tempo e de acordo com o lugar que se está inserido, gerando o uso de diversos sinônimos de intelectual, podendo ser definidos como filósofos, doutores, homens das ciências, literatos, homens das letras, entre outros. Assim, é interessante, perceber que no sentido conceitual da palavra intelectual, segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, foi criado para

Nomear, portanto, o que seria uma nova “classe” de pensadores e escritores, quase sempre em oposição a ordem sociopolítica estabelecida – ou ao menos a margem dela – tendo, pois, o sentido de alguém descontente, que mantém uma atitude crítica e independente, frente ao governo e a sociedade de seu país (p.45, 2005)<sup>15</sup>.

No que se refere à citação acima, Júlio Romão se encaixa no que era ser esse intelectual na sua época, pois tinha essa atitude crítica e independente, visto que

---

<sup>15</sup> JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. De Amadores a Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2005.

inicialmente se interessou pela escrita, pela literatura como armas para lutar através e quebrar concepções que foram criadas, principalmente, sobre os indígenas e os negros.

Iniciando sua vida de comunicador ainda jovem, criando em 1936 o Jornal Artífice, “como jornalista e intelectual, redigiu e colaborou em vários órgãos da imprensa periódica e diários cariocas, notadamente O Malho<sup>16</sup>, Diário Carioca<sup>17</sup>, Vamos Ler<sup>18</sup>, Revista da Semana<sup>19</sup>” (CAMPELO, 2012, p.17), dentre outros meios de comunicação. E ainda, teve a sua primeira publicação em instrumento de grande circulação na Revista Vamos Ler em 1942, sobre Antônio Francisco Lisboa, intitulado “Aleijadinho: o leproso genial”.

Desde muito cedo transgredindo limites, as suas obras são uma das formas de ultrapassar as restrições que a vida lhe impôs (FILHO, 2018, p. 21), debruçando-se sobre literatura, teatro, negritude e a política brasileira, ou seja, Júlio Romão se engajou para ir além da sua escrita, visto que tinha um

Modo sempre humorado de contar os fatos fossem eles os mais desinteressantes possíveis. Júlio não tinha nenhum preconceito contra nada e nem carregava absolutamente mágoa nenhuma da cor da pele. Tudo para ele era motivo de alegria, de um passado bem vivido e aproveitado em toda sua extensão de vida. Claro, só se indignava contra as injustiças sociais e abominava o que ele chamava de burguesia idiota. (CAMPELO, 2018, p.14)

Com o desejo em conter as injustiças sociais, percebe-se que a inserção da produção literária de autoria negra, afro-brasileira, afrodescendente, que, atualmente, passa a ser mais estudada no meio acadêmico, assumiu posicionamentos de críticos e estudiosos dessas feições literárias (FONSECA, 2018, p.6), dessa forma, a literatura afro-brasileira tinha, sobretudo, o desígnio de dar voz ao sujeito negro, sempre buscando suas memórias ancestrais e culturais para a construção da identidade negra, que fora outrora excluída pela ideia de branqueamento da sociedade.

Essa intelectualidade negra ganhou força e espaço com a criação dos Cadernos Negros, no ano de 1978, que são reconhecidos como

---

<sup>16</sup> A Revista *O Malho* começou a ser veiculada no ano de 1902, fora criada por Luís Bartolomeu de Souza e Silva, voltada para a vida política do país, a cultura e a crítica de costumes.

<sup>17</sup> Jornal Diário Carioca foi fundado em 17 de julho de 1928 por José Eduardo de Macedo Soares e extinto em 31 de dezembro de 1965, a finalidade precípua de fazer oposição ao governo de Washington Luís.

<sup>18</sup> A Revista Vamos Ler, foi uma revista de variedades, criada em 1936, perdurando até 1948.

<sup>19</sup> A Revista da Semana foi criada em 1900, era uma revista semanal brasileira que circulou até 1959.

Espaço determinante para a formação de um campo específico da literatura afro-brasileira, à medida que contribui de forma decisiva para formação do grupo de intelectuais orgânicos [...] que formam o quadro que institui e legitima o campo, embora tenhamos consciência que além dos CN outros espaços não hegemônicos de produção da textualidade negro-brasileira sejam, também, determinantes. (SILVA, 2012, p. 8)

É interessante mencionar que os intelectuais passaram a usar toda a produção negra para construir uma resistência em relação aos processos de subordinação sociorracial (RODRIGUEZ; FONSECA; SILVA, 2018, p. 344), ou seja, o intelectual negro na literatura brasileira é orgânico porque é gerado dentro do grupo social que corresponde a uma massa de artistas, populares, intelectuais militantes e estudiosos que são atores na cena da literatura afro-brasileira (SILVA, 2012, p.8).

Júlio Romão sempre buscou escrever sobre sujeitos que mantinham uma relação com sua vivência enquanto negro podendo-se destacar Teodoro Sampaio, a quem Júlio Romão, em seu Ensaio Biográfico “Teodoro Sampaio: A vida, a obra, a figura humana” destaca como “conquistador do próprio destino que ele não deixou submeter-se a origem humilde. Descendente de africanos, filho de uma pobre escrava, teve seu berço sombrio ambiente de uma senzala” (p. 403, 2012).

É importante ressaltar que, Júlio Romão também “descendia de africanos, vendidos como escravos possivelmente no mercado negreiro da Bahia” (CAMPELO, p. 14, 2018) e, por isso, sempre buscou em suas obras e escrita aproximar-se, o máximo possível, do que queria repassar, não esquecendo o seu “compromisso de homem negro, de origem humilde, comprometido com a condição humana dos seus irmãos de cor negra e os de classe social pobre, e ainda com o futuro político do país e da terra natal” (SOUZA, 2018, p. 27).

O escritor carregava consigo uma clareza imensa do seu papel social como negro. Era ciente de sua importância como indivíduo e nunca enxergou a cor da pele como um empecilho para galgar seus intentos (CAMPELO, 2018, p. 18).

Além disso, manteve aproximação com diversos escritores renomados da época, dentre eles, Guimarães Rosa, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Transpôs todos os desafios e preconceitos e, apesar de pobre, tornou-se o homem das letras reconhecido em nível nacional e internacional. Ací Campelo descreve-o da seguinte maneira: “muitas histórias de Júlio eram como se saltassem das páginas dos livros e estivesse ali presentes na minha frente” (2018, p.16).

Convém ressaltar que no Piauí e, principalmente, em Teresina pouco se discute e se conhece sobre o papel desempenhado por Júlio Romão, para a

representatividade negra e para a população indígena, pois “as obras teatrais de Júlio Romão da Silva nunca foram encenadas no estado. Já foram feitas leituras de algumas cenas de seus textos, principalmente, de A Mensagem do Salmo, por grupos de Teresina.” (CAMPELO, 2018, p. 18).

Compreende-se, assim, que o intelectual luta pelo reconhecimento de seu ofício, pela inserção social de sua atividade e pelo exercício de uma parcela crescente do poder nesta sociedade. (JÚNIOR, 2005, p. 50), além do mais, conforme Said (2003, p. 35 *apud* MACHADO, 2015, p.220) o “intelectual deve alinhar-se aos fracos e aos que não têm representação” e foi isso que Júlio Romão desde sua juventude buscou. Interessou-se pelo campo da escrita e alinou-se buscando, juntamente, com aqueles que não tinham representação, uma maneira de incluí-los na sociedade e, inclusive, a si próprio.

Para tanto, as trajetórias que encaminham para o ofício de escritor, geralmente, são caracterizadas pelas propriedades de grupos familiares e, embora a forma inicial de inserir-se nos quadros dirigentes seja a área jornalística ou um cargo público, a carreira dominante para onde tendem os escritores, inicialmente, permanece como forma de ingressar nos quadros políticos que assumem nesses cargos públicos: uma representação da oligarquia. Júlio Romão, porém, reconhecia que Teresina não lhe traria a bagagem intelectual que visava, principalmente, devido suas reais condições financeiras, pois nas palavras dele em entrevista a Ronaldo Alves Mousinho, em 2006, na cidade de Teresina, relata que

Naquele tempo o pai mandava o filho pra estudar lá fora no R.J ou S.P, ou pra estudar na universidade do estado. Não era pra exercer profissão de médico, nem de advogado: era pra ser político [...] era aquele o sistema de então. (ROMÃO, 2006)

A maioria dos bacharéis com formação em Direito e com a influência das oligarquias ocuparam os diversos quadros da magistratura, da administração direta do Piauí e da imprensa. Porém o grupo era bastante eclético, formado não apenas por bacharéis de Direito, mas por engenheiros, jornalistas e outros profissionais liberais que desempenhavam funções variadas na sociedade piauiense (MELO, 2009, p.3) e introduziram e afeiçoaram na sociedade piauiense, valores, normas e padrões que permitissem os sujeitos do Piauí a viver a modernidade.

Para Teresinha Queiroz (1998, p.13), “o perfil político dos bacharéis piauienses nesse período era tido como um grupo de ampla presença social e

engajamento na política e suas atuações eram presentes em várias instâncias”. Era um espaço onde tudo era delimitado apenas aos “homens letrados” ou homens bons e seus parentescos, de forma que, frisa Queiroz (1998), “a educação ao tempo em que os define como elite, coloca-lhes atribuições sociais específicas”.

Os intelectuais passaram a contar com o auxílio de diversas instituições do saber para preservar e divulgar suas ideias. Contudo, mesmo inseridos nelas, muitas vezes pensavam sua identidade fora dos serviços pertencentes a elas: a escrita precisava ser interpretada dentro de um lugar social, valendo-se do “não dito”, ou seja, fazendo suas próprias escolhas do que utilizar, significando que nenhuma pesquisa é acabada, pois alguns dados são ocultados e outros são evidenciados para favorecer o resultado em função do seu lugar social ou instituição. (CERTEAU, 1982, p.57-58).

Porém, quanto à essa concepção de Certeau (1982), da necessidade de uma interpretação da escrita a partir da articulação entre um lugar, uma prática científica e uma escrita, chama atenção o que Edward Said ressalta sobre essas instituições e a representação dos intelectuais dentro e fora delas, destacando a

Existência de “uma mistura muito complicada entre os mundos privado e o público” nas representações de intelectual. Com isso, ele se refere ao fato de que seus valores, escritos e posições como intelectual “provêm, por um lado, de minhas experiências e, por outro, da maneira como se inserem no mundo social”. Assim, segundo o autor, “há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade de cada indivíduo, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito” (SAID *apud* MACHADO, 2015, p. 222).

Os intelectuais tornam-se um novo grupo de pressão que, por isso mesmo, busca criar para si novos espaços institucionais, novas formas de agrupamento e organização, profissional e política, e se associa a uma rede de sociabilidades, que, de acordo com Sirinelli (1996 *apud* OLIVEIRA, 2018, p.62),

o conceito de rede de sociabilidade está intrinsecamente ligado à categoria de intelectuais, em razão de que os intelectuais também são definidos a partir do diálogo com seus pares, através de distintas visões de mundo, posições contrárias e interesses em comum nos mais diversos contextos. Logo, elementos como ambiente social, cultural e seus integrantes formam posicionamentos, concepções e entraves entre distintos intelectuais que integram esses círculos, e suas ideias podem ou não ganhar difusão em meio ao campo ideológico.

Assim, Júlio Romão passa a se reunir com diversos segmentos sociais que lutavam pelos mesmos ideais indígenas e afrodescendentes, sem deixar de lado o interesse em assumir a cadeira de membro da Academia Piauiense de Letras (APL) e, assim, preservar sua crítica literária e difundir seus ideais dentro da APL.

Júlio Romão “se coloca como um homem de seu tempo, preocupado com seus problemas [...] se caracteriza por desafiar a rotina” (JÚNIOR, 2005, p. 58), valorizando o saber experimental, que nasce da experiência e da observação direta. As Academias tinham o objetivo de manter o compromisso, sendo a ocupação mais enaltecida dos sujeitos, trabalhando pela ampliação das ideias e legitimado por esse causa a predileção pelas Academias de Letras, na qual as ideias se ampliam. (CAMPELO, FERREIRA, 2012, p. 29)

Júlio Romão sempre teve interesse em fazer parte dessas instituições e tentou por diversas vezes adentrar na Academia Brasileira de Letras, entretanto, se deparava com alguns impasses. Ao retornar para Teresina foi agraciado com o convite da APL para assumir a cadeira 31. A Academia Piauiense de Letras em suas Notícias Acadêmicas (1996) na matéria denominada “Gente e Fatos”, abordou em nota sobre a posse de Júlio Romão

A 21 de maio tomou posse na cadeira 31 da APL o novo acadêmico Júlio Romão da Silva, teresinense de nascimento e dos mais produtivos escritores de nossa terra em variado campo de estudos, como história, etnografia, crítica literária, teatro, poesia. Na sua oração o titular estudou a vida e a obra do patrono da cadeira, o jurista João Cabral, e dos anteriores ocupantes, o jornalista Artur Passos e o historiógrafo José Patrício Franco. A oração de boas-vindas foi promovida pelo acadêmico Bugyua Britto, página literária brilhante sobre a personalidade do empossado. Uma solenidade concorrida e cordial.

Na Academia Piauiense de Letras, enquanto intelectual, participou de diversas palestras, homenagens e das decisões que circulavam dentro da instituição e, com o auxílio dela, conseguiu a publicação da maioria de suas obras, dentre elas, “Índios e Afrodescendentes: palavra dos excluídos”, pela coleção centenário da APL nº 74, no ano de 2016, e a obra “A Mensagem do Salmo: saga dramática do cristianismo”, na sua terceira edição em 1990 – obras que se encontram-se disponíveis e em bom estado na biblioteca da APL.

Quanto ao papel de militante desempenhado por Júlio, a diretora de política de igualdade racial, Aldaci Regina da Silva no Programa Recontar (2013) caracteriza-o com grande admiração, diz que:

Júlio Romão pra gente é um [...] nosso ícone, né?! Ícone negro, nosso maior líder (vamos dizer assim), negro do estado do Piauí por conta da sua história, né?! Uma história de um menino negro que saiu daqui do Piauí, saiu do Nordeste para morar no Sul, especificamente, no Rio de Janeiro e “ai” tem uma vida muito difícil, mas que consegue reverter todo esse quadro, se tornando um grande jornalista, escritor e aí sendo reconhecido em todo o Brasil, em todo o Nordeste. Quer dizer, um exemplo pra nós de uma pessoa

que a noventa anos atrás nasceu aqui no Piauí, nasceu em família pobre, mas que na sua adolescência já percorreu o Brasil, né?! Procurando como ele chama [...] a procura da liberdade, e essa liberdade é o conhecimento, o conhecimento que ele teve da vida, conhecimento literário, conhecimento formativo, uma boa educação que ele mesmo procurou ter pra que ele pudesse ser uma pessoa que pudesse representar a população negra piauiense.

São vastas as reflexões que descrevem a trajetória intelectual de Júlio Romão da Silva e é, sobretudo, notória a forma com que logrou o seu reconhecimento no Rio de Janeiro e nos diversos segmentos que viveu e ocupou papel de destaque, como a Academia Brasileira de Letras (ABL) e as mais variadas homenagens. Sobre isso, na visão de Ací Campelo:

Para chegar ao prêmio Claudio de Sousa, da ABL, o autor atravessou uma vida de experiências, casos e histórias fantásticas e uma impressionante vivência com alguns dos monstros sagrados do teatro brasileiro. É essa trajetória que o faz interessante e impar como um dramaturgo nascido no Piauí e mais uma prova do talento do homem nordestino. (p.24, 2012)

Apesar do seu ofício, enquanto intelectual, continua tendo pouco reconhecimento em Teresina. A biblioteca que foi intitulada com seu nome, localizada no Memorial Esperança Garcia, é um espaço que contém os mais variados livros que abordam as questões das africanidades, mas pouco carrega da produção do homenageado. Apesar do nome, a Biblioteca Júlio Romão da Silva não possui um grande acervo sobre ele, mas dispõe de um móvel com algumas fotos pessoais de momentos que marcaram sua vida, algumas obras e diplomas.

Desse modo, um verdadeiro “escritor plural” como o define A. Tito Filho ([s.d] *apud* CAMPELO, FERREIRA, 2012, p. 28), perfazendo uma vida de lutas e de variadas profissões, mantém-se eternizado como “um dos melhores representantes da negritude nacional, um negro culto, genial, abundante de criatividade intelectual” (FILHO, [s.d], *apud* CAMPELO, FERREIRA, 2012, p.28). Júlio Romão, por ser um apaixonado por Geografia e por Estatísticas, tendo feito parte do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), consegue aplicar as estatísticas em suas obras, dentre elas, os “Fundamentos do sistema estatístico – Geográfico Brasileiro”. Também faz uso dessa ciência quando busca adentrar em um estudo sobre a etnolinguística indígena.

Chama atenção aos leitores e pesquisadores deste sujeito o quanto é perceptível a relação com a Geografia na obra “Geonomásticos cariocas de procedência indígena” (FILHO, 2018, p.23). Além disso, é também perceptível o

resultado da pesquisa feita por ele sobre a língua Tupi, ao constatar o uso de algumas palavras indígenas que denominam diversos nomes de praças e ruas na cidade do Rio de Janeiro, como Maracanã, Tijuca, Guanabara, dentre outros. Além do interesse sempre em voga para conhecer sobre os índios Caraíbas e os índios Bororos.

Compreende-se, portanto, que a trajetória de vida e intelectual de Júlio Romão contempla seus momentos de aflições que o levaram a ser o dramaturgo e intelectual que se destacou dentre os poucos que alcançaram êxito na sociedade, tanto em Teresina, quanto no Rio de Janeiro, visto que, tudo era voltado para os que possuíam boas condições de vida tendo um espaço livre dentro das instituições e da sociedade.

Esta pesquisa assegura que Júlio Romão tem um grande valor representativo enquanto escritor negro e homem de teatro, figura que defendeu veemente os ideais de igualdade racial e social, além de ter-se destacado como um sujeito essencial para a construção e preservação da identidade negra e indígena nos movimentos que atuou, bem como nas suas obras.

Como membro da Academia Piauiense de Letras, carrega uma síntese preciosa e significativa: é considerado “o diamante negro da nossa literatura” (CAMPELO, 2012, p. 23).

## 2 MILITÂNCIA E INTELLECTUALIDADE DE JÚLIO ROMÃO

Este capítulo, intitulado Militância e intelectualidade de Júlio Romão, faz um levantamento das suas principais obras, bem como suas análises, sendo elas: “Memória sobre a transferência da capital do Piauí (1994)”, “O Índios Bororós: família Etnolinguística”; os ensaios biográficos “Teodoro Sampaio A vida, a obra, a figura humana” e “Luís Gama: o mais consequente poeta satírico brasileiro”, apresentando sobre os seus influenciadores literários enquanto protagonistas da causa negra, a partir, também da compreensão de sua atuação nos movimentos negros.

Discute-se ainda, no decorrer da seção, sobre o papel do teatro a qual Júlio Romão se engajou, com objetivo de simbolizar a luta de reafirmação da identidade negra na sociedade brasileira, dando acessibilidade a um público, antes excluído, apontado por meio de aspectos do Teatro Experimental do Negro e relacionando com a peça “Mensagem do Salmo”.

### 2.1 Influências Literárias e Obras de Júlio Romão

No tocante às obras publicadas e escritas por Júlio Romão, embora não tenham grande reconhecimento do público, é de grande ajuda para a compreensão da posição ocupada por ele no contexto da literatura, conferir um lugar de importância às influências literárias de alguns intelectuais negros aos quais atentou em escrever sobre a vida e obra de cada um por constituir-se como um sujeito negro e intelectual, há um mútuo fortalecimento tanto da pessoa negra como da comunidade da qual faz parte. (OLIVEIRA, 2014, p.10).

Dessa forma, é significativo pontuar que Júlio Romão sempre buscou trocar conhecimento e aproximação com outros intelectuais negros.

As suas influências literárias motivaram um interesse comum, que trata da importância da escrita ou da crítica literária como meio de lutar pelos seus ideais e direitos, já que esses se destacaram como importantes defensores da causa negra e da libertação dos preconceitos raciais, pois, de acordo com (CORREA, 2016, p. 271): “o papel da atividade intelectual não se resume ao próprio exercício da produção do texto seja na forma do artigo, do manifesto, do livro, mas também em sua inserção nos acontecimentos, como protagonista ou como partícipe.”

As influências literárias de Júlio Romão giram em torno de célebres personagens brasileiros, majoritariamente negros, como Solano Trindade<sup>20</sup>, Teodoro Sampaio<sup>21</sup>, Luís Gama<sup>22</sup>.

A produção intelectual do negro, e do negro enquanto intelectual ocorre(ram) a partir de duas vertentes, conforme Gomes (2010, p. 496 *apud* RODRIGUEZ; FONSECA; SILVA, 2018, p. 345): “[...] a militância política e a produção do conhecimento sobre a realidade étnico-racial a partir de sua própria vivência racial”.

Por essa razão, destacam-se a escrita e dedicação de Júlio Romão ao lançar uma grande relevância a algumas de suas obras e ensaios biográficos voltados para esses defensores e intelectuais dessa produção negra, dentre elas, “Luís Gama e suas poesias satíricas” (1981) e “Teodoro Sampaio: a vida, a obra, a figura humana”, pois toda sua trajetória tanto de vida quanto intelectual se iguala a esses sujeitos e poetas, sendo notável seu fascínio por esses personagens, não apenas pelo traço da cor da pele, mas pelas histórias de vidas que se aproximam e se assemelham.

Ambos contemplam a literatura afro-brasileira ao se debruçarem sob seus poemas, textos e ensaios críticos para lançarem luz aos debates sobre a identidade negra. Essa relação de Júlio Romão com esses sujeitos permitiu evidenciar sobre o preconceito a qual o negro tem na sociedade sob diversas concepções e sujeitos de diversos contextos, porém marcados e repudiados pela cor da pele, pois ambos assumem a sua origem, a sua cultura, a sua identidade negra ao valer-se das suas escritas para ratificar e combater as opressões e desigualdades existentes no Brasil.

Nessa perspectiva, Júlio Romão, Solano Trindade, Teodoro Sampaio e Luís Gama se encaixam enquanto intelectuais negros de exprimir suas vontades e ideários para lutar por algo que está dentro de suas próprias vivências e experiências,

---

<sup>20</sup>Francisco Solano Trindade é natural de Pernambuco - Recife, nascido em 1908, foi sociólogo, poeta, xilógrafo, pintor, primitivista, fundador em 1950 do teatro popular brasileiro, Desde cedo, estabeleceu contato com a cultura popular e o folclore, Em 1936, entusiasmado com os movimentos em prol da consciência negra, que se espalhavam nas principais cidades do país, funda a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro-Brasileira, falece em 1974. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/429-solano-trindade>. Acesso: 16 dez 2019

<sup>21</sup> Nasceu em 1855, na Bahia. Foi engenheiro, professor, desenhista, geógrafo, historiador, poeta e um dos fundadores do IGHB, escreveu livros aspectos geográficos do Brasil e sobre língua nativa e os povos indígenas. Faleceu em 1937. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/theodoro-sampaio> Acesso: 16 dez 2019

<sup>22</sup> Nasceu em 1830, em Salvador na Bahia, destacou-se enquanto importante líder abolicionista, jornalista e poeta, pertenceu a Academia Paulista de Letras, foi responsável por criar em 1864 o Jornal “Diabo Coxo” e em 1869 o jornal “Paulistano, projetou-se na literatura com seus diversos poemas e esteve sempre envolvido nos movimentos contra a escravidão. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/luiz\\_gama/](https://www.ebiografia.com/luiz_gama/). Acesso 16 dez 2019.

ou seja, aquele que se utiliza da palavra na intenção de construir um mundo de sentidos, já que o mundo das palavras cria o mundo das coisas (SOUSA, 2012), o que os permite buscar o reconhecimento da contribuição do negro, a construção da cultura brasileira e a defesa da liberdade e dos seus direitos enquanto tal.

Enquanto um dos precursores da crítica literária afrodescendente, Júlio Romão publica ensaios críticos, dentre eles, a sua obra “Luís Gama e suas poesias satíricas” (1954), dedicada a compreender sobre Luís Gama que fora, também um poeta, e ex escravo. Esta obra concede grande reconhecimento a Júlio Romão por ser um dos ensaios mais completos que produziu (FERREIRA, 2012).

Sua dedicação à análise literária levou a Barbosa Lima Sobrinho ([s.d.] *apud* CAMPELO, FERREIRA, 2012, p. 197) a corroborar sobre a relevância de Luís Gama pela crítica literária de Júlio Romão da seguinte maneira:

J. Romão da Silva compreendeu e sentiu o que significa a presença de Luís Gama, na luta contra a escravidão. Fez questão, por isso, de deter-se na recoordenação do escritor que fazia da poesia a sua clava de combate [...]. Obra, por isso mesmo, altamente meritória, num excelente estilo pela sua precisão e segurança, esforço de um homem quem teve que percorrer trajetória semelhante à de Luís Gama, com a única diferença de que já não nasceu escravo, num país em que a escravatura se limitou a mudar de nome e no qual ainda continua a luta de Luís Gama, já agora com J. Romão da Silva.

A trajetória de Luís Gama se delineia durante o século XIX com o avanço do movimento abolicionista acarretando a participação, sobretudo, dos intelectuais negros que se debruçam a publicar em jornais e organizar associações culturais visando reivindicar o fim da escravidão e do preconceito contra os negros.

De acordo com Júlio Romão, (Programa Recontar, 2013), a importância do papel então desempenhado por Luís Gama é caracterizada e definida como vê-se a seguir:

Luís Gama era filho de uma africana do Norte da África chamada Luísa Marinho, uma mulher guerreira, valente, era mulçumana islamizada, chegou ao Brasil como escrava... Não sei como, mas como escrava já forra, ela chegou ao Brasil como escrava forra, [...] para você ter uma ideia de quem foi esse homem admirado, Luís Gonzaga Pinto da Gama, baiano mulato genial, filho da [...] negra africana Luísa Marinho, guerreiro do cativo, advogado provisionado.”

Dessa forma, escritores como Luís da Gama e as sociedades abolicionistas se unem para exigir o fim do trabalho escravo no país, delineiam-se entre a literatura ainda que não houvesse um contexto histórico, político ou social concreto: sua

produção é baseada nas suas experiências pessoais e em seus valores. Para o Jornal O Dia (2004), na manchete “Júlio Romão lança crítica de Luís Gama”, Júlio Romão frisa que

Existem alguns críticos que insistem em dizer que Luís Gama não tinha a menor vocação para escrever tendo grande importância sim, mas apenas no campo das suas realizações como abolicionista. “Há que diga que ele simplesmente era um ex escravo incompleto, autodidata que se fez rábula (pessoa que advoga sem ser formado em direito) e antiescravista. Isso surge daqueles que são ignorantes ou daqueles que tem antipatia pelo negro”.

Júlio Romão levanta a “biografia de um poeta”. Com a preocupação de salientar e exaltar seu valor literário, que alguns críticos ignoram [...], pois Luís Gama dignifica a raça e a geração a que pertenceu (SOBRINHO *apud* CAMPELO; FERREIRA, 2012, p.197). Ainda que seja perceptível na literatura a permanência de traços do preconceito que ele enfrentava na sociedade, compreende-se que ele, além de ter sido um ferrenho militante ligado à negritude devido os traços que sempre carregou no decorrer de sua vida, chega ao auge de um intelectual, que para a época não era bem acolhido pela sociedade, principalmente, pelo preconceito que reservava os locais de prestígio ao homem branco.

Sobre isso, Júlio Romão frisa em “Luís Gama: o mais consequente poeta satírico brasileiro”, o modo de educação que também se assemelhara as dificuldades a qual ele enfrentou, pois

Luís Gama tentou cursar ciências jurídicas e sociais na faculdade de Direito de São Paulo. Menos, certamente, para ostentar, vaidosamente, o título de doutor, do que para regularizar uma situação de fato, o que de algum modo ser-lhe-ia útil e vantajoso num meio e em uma época, em que – como ainda hoje acontece – ser bacharel, era ter noventa por cento de chance para os bons empregos. Em se tratando de negro a coisa melhorava bastante, pois o pergaminho supria bem até mesmo a falta de inteligência e de talento. (2002, p. 42)

Nessa obra, Júlio Romão almeja patentear Gama em um perfil com menos formalidade, colocando-o em sua posição quanto à história literária e poesia satírica brasileira relacionando Gama com seu passado e a obra com suas ideias enquanto abolicionista (Jornal O Dia, 2004). O que, de fato, demonstra o engajamento de Júlio Romão em levar adiante a defesa à produção negra é intencional, para Filho (2018): “A preferência de Júlio Romão por Gama e Sampaio é muito consciente, proposital. Sua vida é muito próxima à vida desses homens. O poeta usa sua escrita contra a escravização dos negros, é um lutador vitorioso.”

Essa dedicação à escrita de biografias, levou Júlio Romão a produzir também um ensaio biográfico sobre Teodoro Sampaio, denominado: “Teodoro Sampaio A vida, a obra, a figura humana”. Denomina-o como um Homem Probo<sup>23</sup>, pois um dos traços característicos da personalidade de Teodoro Sampaio era a probidade. Tinha extremado zelo pela honra e lisura do seu nome (CAMPELO; FERREIRA, 2012, p. 410).

Nesse sentido, a manchete “Presença na Academia: Etnólogo e Humanista” do Jornal Meio Norte (2002), aponta sobre essa influência literária de Júlio Romão para com Teodoro Sampaio:

À semelhança de Teodoro Sampaio seu amigo e irmão na mesma etnia, autor de “O Tupi na geografia nacional” obra clássica, no gênero, Júlio Romão não apenas mostra de passagem a importância da estrutura gramatical da língua indígena, mas também aponta para o nativismo na literatura romântica, dizendo que “a literatura entra a explorar motivos de soberba e genuína brasilidade, reabilitado o índio e a sua língua na grande epopeia escrita da nossa história de nação [...]”.

Alcebíades Costa Filho (2018) define o motivo da relevância dada à essa aproximação de Júlio Romão com outros sujeitos que se destacaram na história do Brasil, sendo assim

Biografar Teodoro Sampaio revela outra face de Júlio Romão, a paixão pelo conhecimento. Sampaio possui extenso conhecimento técnico, adquirido na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Engenheiro civil desenvolveu trabalhos em vários locais do país, a exemplo do vale dos rios São Francisco e Paranapanema. Júlio Romão tinha inclinação para esse tipo de trabalho, gostava de movimento. Essa sua paixão se realiza como funcionário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Essa paixão pela Geografia se desenvolveu também como forma de reconhecer, através dos dados, a própria localização da língua e da cultura dos povos indígenas. Para isso, ele realizou pesquisas na área da etnolinguística indígena, através do auxílio do IBGE conviveu com os índios Bororós<sup>24</sup>, o que se transformou em obra denominada “Os Índios Bororós: família Etnolinguística”.

No tocante à esta obra, Júlio Romão visa divulgar a etnolinguística desses indígenas para auxiliar no campo dos estudos etnográficos brasileiros em língua

<sup>23</sup> Significa alguém de caráter íntegro; honrado, honesto, reto.

<sup>24</sup> Os Bororos se autodenominam Boe. O termo “Bororo”, na língua nativa, significa “pátio da aldeia”, sendo a denominação oficial na contemporaneidade. O formato circular das casas se transforma no centro da aldeia e espaço ritual desse povo. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>. Acesso em: 04/12/19.

portuguesa. Assim, no primeiro momento, ele discute sobre o Bataru-Boe, que é a língua falada pelos índios bororós, caracterizados pela índole pacífica. Em um segundo momento, aborda desde o domínio geográfico-histórico até o estado atual da falange bororó, na qual, hoje, a família linguística se reduz a poucos indivíduos, formando grupamentos esparsos em processo de desagregação e aculturação no pouco que lhes resta [...] (CAMPELO; FERREIRA, 2012, p. 321).

Empenhou-se também no estudo da Língua Indígena Natural do Brasil, a língua Tupi. O que permite compreender que sempre esteve voltado para as questões de memória e história dos povos negros e indígenas do Brasil, além da preocupação com a história da sua própria cidade Teresina, com a escrita da obra “Memória sobre a transferência da capital do Piauí (1994)”, estando, atualmente, na sua terceira edição.

Nessa obra Júlio Romão, trabalha com a ideia de preservar e reconhecer a memória da sua cidade natal e na qual escreve o jornalista M. Paulo Filho “num resumo claro e cheio de curiosidade [...] o autor explica como até 1852 viveu e foi conhecida a que desse ano em diante passaria a ser definitivamente a capital do Piauí [...] (SANTOS, p.195), sendo que se interessou em ingressar na Academia Piauiense de Letras com esse intuito.

E a própria APL encarregou-se de registrar e louvar a escrita de Júlio Romão, através das palavras do poeta Manoel Caetano Bandeira de Melo (1994) caracterizando-a como um ensaio de valiosa substância histórica, não obstante o caráter extremamente sintético de que se reveste – “situa-se o senhor J. Romão da Silva entre os mais criteriosos pesquisadores e analistas dos problemas e realidades piauienses.”

Esses espaços de saber pelos quais Júlio Romão e os mais variados intelectuais estavam interessados, sobretudo, na produção da história e da memória para a sociedade da qual fazem parte, seriam, de acordo com a concepção de Jacques Le Goff

Os “verdadeiros lugares da memória,” isto é: [...] aqueles onde se devem procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória. (LE GOFF, 2003, p.467 *apud* MOURA, 2010, p.38)

É interessante salientar que os intelectuais refletiam a real situação da política e das ideias que rodeavam no cenário brasileiro, compreendendo enquanto intelectuais que carregavam o conhecimento dos estudos percebendo que portas foram abertas para os homens letrados ganhando destaque e reconhecimento nos mais variados locais, na qual Júlio Romão divide espaços nesse meio. Porém suas obras eram dedicadas aos índios, afrodescendentes e ao campo da Geografia, esse último ao prestar serviços ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), permitiu cumprir a missão de retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento de sua realidade e ao exercício da cidadania, ambas as dedicações acabaram sendo relevantes para sua alavancada intelectual.

Quanto aos estudos literários, concedeu entrevista à Revista Sapiência (2008) na qual a manchete intitulada “Um legado de 90 anos de luta em forma de arte para a valorização de identidades”, chamando a atenção para alguns negros que permearam o mundo da literatura, suas contribuições e representatividade, sendo eles:

Negros importantes estão marcados na história literária, como Luís Gama; Teodoro Sampaio, autor de “O Tupi” e mestre de Euclides da Cunha, com o qual eu me habilitei; Dom Silvério Pimenta, negro que chegou a bispo em Minas Gerais; André Rebouças; Solano Trindade, pernambucano, meu colega e um dos pioneiros do movimento negro no Brasil; Machado de Assis, um negro autodidata, nascido no morro, que chegou a fundar a ABL. Inclusive, negam que Machado teve influência na campanha abolicionista, mas eu estou escrevendo a biografia dele, na qual provo que ele teve influência, porém discreta (CAMPELO; FERREIRA, 2012, p. 87-88).

Destaca-se, então, quanto ao surgimento do Movimento Negro difundido por Solano Trindade, fundado na ideia de resistência que se dá de diversas maneiras, seja com o auxílio da imprensa ou das artes, considerando esses locais como de extrema importância para expressar e preservar suas identidades, pois o tipo de sistema escravocrata que foi firmado no Brasil determinou os tipos de relações que existiriam entre colonizadores, senhores de engenho, igreja e escravos. E, conseqüentemente, formou o povo brasileiro. A definição de escravidão remete a algo muito pejorativo, que está sempre ligada a uma ideia criada a partir da oposição escravizador *versus* escravizado, acarretando na deturpação da figura do negro.

Apesar da ideia que fora criada sobre a democracia racial, na verdade, mascaravam-se os conflitos raciais, impedindo-os que afirmassem a existência do racismo na sociedade brasileira, aos quais os Movimentos Negros Brasileiros, até

1990, visavam constatar a existência do racismo e a fazer denúncias da falaciosa democracia racial brasileira (NASCIMENTO, 2006 *apud* SALINAS; TROVO, 2014, p.3)

Nesse sentido, o movimento negro contemporâneo ressurgiu a partir de meados da década de 1970, no final de um período acentuadamente autoritário da história política brasileira. Como todos os movimentos sociais que afloram na mesma época, seu discurso é radical e contestador (HASENBALG, 1984, p. 149), e as direções desses movimentos sociais os definem como “produtores e articuladores de saberes construído pelos grupos [...] da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais” (GOMES, 2017 *apud* RODRIGUES; FONSECA, SILVA, 2018, p. 349).

Com o auxílio da ascensão de grupos da população negra que detinham o conhecimento da leitura sobre questões raciais, acabara tendo seu projeto de mobilidade social obstruído, o que permitiu associar essa ideia ao ressurgimento do movimento negro. De acordo com Souza (2013, p. 2), Júlio Romão da Silva enquanto militante negro era

Consciente da condição de escritor negro, engajado aos princípios de igualdade social e racial, uniu-se a jovens autores negros, tornando-se um dos precursores na construção dos ideais étnico-raciais, políticos, culturais e literários do movimento negro no Brasil.

Apesar dessa participação de Júlio Romão nesses espaços e ideais do movimento ligados ao ativismo negro, não é de grande discussão na sua cidade natal Teresina e isso remete a carência de grandes informações sobre sua participação nesses movimentos. No entanto, através da sua fala concedida às diversas entrevistas, percebe-se o quanto ele era preocupado com as questões raciais, refletido no seu compromisso na imprensa, na escrita e na construção de sua escrita. Corroborado nas próprias palavras de Júlio Romão ao Jornal Sapiência (2008), a qual discute sobre a participação do negro na sociedade atual

Essa questão hoje é de ordem social. Antigamente o negro não tinha espaço na televisão a não ser como escravo ou nas cozinhas, não era o artista principal, era um troço qualquer. Jorge Amado certa vez me disse: “Romão depois da abolição todo branco pobre é negro”. Ele estava certo porque hoje o problema é de ordem social e quanto menos se tem menos se vale.

É perceptível o ativismo de Júlio Romão da Silva, na qual entre os anos 1940 e 1950 quando também contribuiu na formação de organizações negras, embora no contexto brasileiro e até mesmo mundial a realidade das lutas e bandeiras

levantadas por esses movimentos sociais são parcialmente alcançadas, sendo ainda necessário um longo período para ser realizado com total êxito, visto que progride a negação de uma legitimidade dessas lutas e das conquistas da população afrodescendente pela sociedade (OLIVEIRA, 2014, p. 27). Nesse contexto da década de 1940, visavam, sobretudo, discutir sobre relações raciais, conhecer e reconhecer a história afro-brasileira com auxílio do Teatro Experimental do Negro. O negro brasileiro não deveria admitir o paternalismo em suas reivindicações. (NASCIMENTO, 1968, p. 15 *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 15)

No Jornal Sapiência (2008), Júlio Romão ainda é questionado quanto à sua participação a frente dos movimentos pela busca da igualdade racial, sobre como eram organizados esses movimentos e a sobre a representatividade do negro. Sobre essas questões, o intelectual, além de apontar o seu ponto de vista na política, reafirma o seu engajamento nesses movimentos como forma de lutar pela sua própria raça

Houve um movimento no Brasil todo. Quando eu cheguei no rio, li em um jornal: procura-se empregado que seja branco e de boa aparência. Isso me chocava muito. Essas questões levaram-se a fazer parte da frente igualitária brasileira. Os movimentos eram fortes e organizados, tivemos muitos aliados brancos, conscientes, como Niemeyer e Jorge Amado. O enfrentamento era organizado. Eu trabalhava na coluna aberta, no jornal correio da manhã e eram organizadas frentes no comitê democrático afro-brasileiro nas repartições. Criamos células comunistas no período de repressão e depois do expediente a gente discutia mudanças, quando chegavam os policiais, a gente mudava o discurso para “Viva Getúlio Vargas, vivo o governo”, burlávamos a vigilância (risos). Porém sempre tive sorte. Na faculdade do rio de janeiro, tive a oportunidade de me formar; convivía com moças brancas e ricas, mas nenhuma me via como um coitado e elas não tinham pena de mim, tinham satisfação de ver um negro na faculdade (ROMÃO, 2008).

A partir do exposto acima, pode-se inferir que a mudança do discurso após a chegada dos policiais é acarretado devido os movimentos terem sido extintos durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), principalmente, o Movimento da Frente Negra Brasileira<sup>25</sup>, do qual fazia parte e no qual os ativistas negros acabaram, por diversas, vezes sendo vigiados por policiais a mando de Getúlio Vargas.

---

<sup>25</sup> Foi criada por José Correia Leite, na cidade de São Paulo no ano de 1931 e perdurou até 1937. Era um movimento de massa com repercussão nacional, que protestava contra a discriminação racial que alijava o negro da economia industrializada e da vida pública em geral. A Frente Negra procurava um novo lugar para o negro na sociedade brasileira, e seu caráter era integracionista, como a maioria das manifestações afro-brasileiras da época. (DOUXAMI, 2001, p. 322)

**Figura 2 - Fotografia do Aniversário de fundação da Frente Negra Brasileira: uma parte da assistência.**



Fonte: Acervo da Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Acesso em 09 dez 2019

Apesar desses movimentos terem sido extintos, era possível identificar a inserção de alguns intelectuais na esfera do Estado no período varguista, desempenhando papéis diversos e colaborando com o governo.

Por esse motivo, a figura de Júlio Romão permaneceu ativa enquanto intelectual e, de certa maneira, garantiu resultados desses movimentos, mesmo que de forma sutil, visto que, no Brasil, os intelectuais ocupavam diversos espaços, que iam perpassavam as publicações de revistas e imprensa e, então, tracejavam suas produções literárias que abordavam os mais variados temas.

No entanto, o dramaturgo frisa sobre a visibilidade da sua escrita, principalmente, sobre sua obra “A Mensagem do Salmo”, durante o período da ditadura, dizendo que “considero que todos os meus livros tiveram visibilidade. Sempre fui perseguido pela polícia por escrever com muita tática. Portanto, aproveitei as palavras de Cristo para xingar os militares.” (Jornal Sapiência, 2008).

Júlio Romão bastante ativo num cenário político de governos centralizadores e de uma cultura de contestação intensa presente na literatura, música, teatro e no jornalismo, possuindo embate com o regime ditatorial e de autoafirmação do negro em uma sociedade racista (Jornal Diário, 2010, p. 4). Na imprensa, os jornais e revistas que circulavam nesse período eram organizados por grupos de intelectuais que não tratavam apenas de literatura, mas de vários outros

assuntos como cotidianos da cidade, História, Geografia, pensamentos filosóficos e outros temas (MELO, 2009, p. 2).

Porém, Júlio Romão aborda em suas palavras sobre esse momento que Vargas estava no poder e sua opinião era contrária ao governo em alguns pontos. Para o Jornal Írohin (2005), o mesmo reconta sobre esse momento afirmando suas opiniões partidárias e sua concepção:

Fui contra o governo Vargas no período do Estado Novo, pois era amigo de Luís Carlos Prestes e fazia parte da esquerda, mas apoiei a volta de Getúlio Vargas no segundo governo, quando surgiu ameaça militar. Contestei a carta testamento e publiquei um livro sobre ele nas comemorações dos seus 100 anos, em 1983, chamado o Legado de Morte.

Quanto à essa carta testamento a qual Júlio Romão se refere, foi noticiado na manchete “Escritor contesta autenticidade de Carta” publicada no Jornal Cidades, na qual Luci Lima Duarte escreve que Júlio Romão foi o primeiro a contestar a autenticidade da carta apresentada como sendo de autoria do presidente, após ele ter cometido suicídio no dia 24 de agosto de 1954.

Ao publicar o livro “O legado da Morte”, Júlio Romão tem o intuito de apresentar o texto da verdadeira carta, abordando algumas das frases escrita por Getúlio Vargas, sendo uma delas, a seguinte frase: “deixo a sanha dos meus inimigos o legado da minha morte. Levo o pesar de não haver podido fazer, por este bom e generoso povo brasileiro e principalmente pelos mais necessitados, todo o bem que pretendia...”.

Em suma, as influências literárias, a criação e participação de Júlio Romão nos movimentos negros foram de extrema importância para compreendê-lo enquanto um ferrenho militante negro, que buscou enfatizar na sua escrita outros personagens negros que também desempenharam louváveis participações na sociedade e que tinham o mesmo objetivo: confrontar a ideia de branqueamento que assola a população brasileira, visando um olhar voltado para os negros de forma igualitária discutindo as formas massacrantes de preconceito a qual vivenciaram e defender uma identidade negra.

A seção seguinte descreve brevemente a relevância do teatro e da criação do Teatro Experimental do Negro abraçados por Júlio Romão, que adotou a presença de atrizes e atores negros ao elenco das peças para a afirmação de uma identidade

negra e para a valorização das especificidades da cultura negra, além do seu objetivo com o teatro religioso.

## 2.2 O Teatro e o Teatro Experimental Do Negro

A ideia de Teatro surge no contexto do século XVI com auxílio dos padres jesuítas. Os jesuítas fizeram nascer um teatro que, no *plano ideal*, seria o brasileiro: um teatro que comporta em sua forma e fala as três principais matrizes formadoras do Brasil nação: indígena, branca e negra (LIMA, 2010, p. 23).

Conceituar a ideia de teatro não é somente analisá-lo como um texto dramático, escrito por um autor, mas também observar a sua encenação como resultado de um produto coletivo que implica na composição de diversos sujeitos e que o concretizam no palco, assim como as apresentações para um público (MOSTAÇO, 2012, p. 2).

As pesquisas voltadas para a compreensão do teatro tendo o negro como protagonista não são têm a devida atenção: o negro como protagonista é invisibilizado. Por esse motivo, conforme Roger Chartier, a historiografia é relevante como forma de manter uma relação de

negociação” entre o teatro e o mundo social, ou seja, a “materialidade do texto”, entendida como uma operação que inclui a produção do próprio texto (o discurso, à época), o lugar de produção e sua transmissão (ROGER CHARTIER, 2002 *apud* PARANHOS, p. 191, 2017)

Este tópico se atenta, então, a abordar a importância do teatro na reafirmação do negro na sociedade, visto que as artes cênicas foram de extrema relevância para Júlio Romão. Quando o mesmo percebeu que era possível, através do teatro, galgar uma afirmação da identidade negra, pois o negro fora excluído dos palcos brasileiros desde a metade do século XIX. “Quando o teatro deixou de ser sinônimo de marginalidade, os atores negros foram substituídos por atores brancos devidamente pintados de negro” (DOUXAMI, CHRISTINE, 2001, p. 316) e por esse motivo Júlio Romão foi considerado o renovador da dramaturgia negra e religiosa no Brasil, tendo seu primeiro contato com essa arte na década de 30, como coordenador de uma companhia de teatro na cidade de São Luís, Maranhão.

De acordo com Lima (2010), a emergência da elaboração do teatro negro no Brasil é uma forma de lutar contra os obstáculos de natureza racial que

historicamente vem relegando a população e a cultura negro-brasileiras, as denominações mais ínfimas da sociedade. Além disso, dentro do universo em que está imerso, a história do negro como protagonista na dramaturgia ainda é pouco relevada e, menos ainda, estudada.

Percebe-se que o interesse de Júlio Romão em desenvolver um teatro que incluísse o negro foi muito contestado e não foi algo alcançado com facilidade, apesar de “o problema do negro não ser uma novidade entre os intelectuais” (SIRINELLI, 1996, p. 248 *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 64) e, ganhou fortes discussões com a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN).

As ideias revolucionárias coexistiam com uma enorme dificuldade, sobretudo nos períodos entre 1944 e 1961, pois até então a imagem do negro nesses espaços era rejeitada e impossibilitada, de acordo com Douxami Christine (2001, p. 316), o negro teve que se organizar para poder aparecer tanto como ator de teatro quanto como ator social e político.

Dessa maneira, o Teatro Experimental do Negro (1944), que teve como idealizador Abdias Nascimento – também intelectual e ativista que por diversas vezes apoiou Júlio Romão –, foi palco indiscutível da presença dos artistas negros, desde a criação até a encenação. Júlio Romão se destacou com sua escrita na dramaturgia, trazendo à tona reflexões para perceber as relações evidentes entre o texto e todos os aspectos de sua encenação, uma vez que essa forma de teatro encena críticas sociais através de suas linguagens, retratando, simplesmente, características da sociedade.

O TEN também deixava claro o seu objetivo de produzir sua própria história negra, ou seja, se distanciar dos estudos que já eram realizados nesse contexto por intelectuais não ligados diretamente à militância negra (OLIVEIRA, p. 14). Com isso, Sirinelli (1996) ressalta a relevância do teatro negro e das participações desses intelectuais nesses espaços, pois

A partir do Teatro Experimental do Negro em 1945 houve uma abertura para se realizar trocas, debates e disputas que reuniam diversos modelos explicativos históricos e sociológicos da presença africana no Brasil e seu papel na formação da nacionalidade. Assim, os eventos realizados pelo TEN constituíam um pequeno mundo, onde laços se atam, desatam ou entram em conflito. (SIRINELLI, 1996, p. 248 *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 64).

Nesse sentido, o conceito de teatro negro passara a ter diversas instâncias e adeptos. A palavra era utilizada como uma atitude política de resgate e afirmação

que fora, por diversas vezes, infamada pois fazer teatro negro seria mais para um fim político do que a circunstância de ser negro (LIMA, 2010). Atentando-se, então, para o intuito de Júlio Romão, valer-se do teatro como forma de trabalhar e expor suas ideias, principalmente, sobre os índios e afrodescendentes, é perceptível que

o teatro de Romão parece empreender seu combate através da estratégia de negociação, do embate ao modo de contar/dramatizar das tradições africana e judaico-cristã, composta pela relação de culturas diferentes que se consubstancia numa escrita afro-brasileira hibridizada, tanto do ponto de vista temático, quanto da forma escrever e de se posicionar diante a realidade emergente. Assim como os seus colegas negros que dirigiram o Teatro Popular do Negro – TEN e o Teatro Popular Brasileiro – TPB, Romão admitiu no elenco de suas peças teatrais um expressivo número de autores e autoras negras. (SOUZA, 2013, p. 3).

Através do que foi frisado acima, Júlio Romão, afirma que o “destino do teatrólogo está ligado ao destino do intérprete. Sem este não pode ele existir. Do ator está a depender o autor como o peixe da água, como o agricultor do intermediário para colocar no mercado os produtos de sua seara” (Jornal O Dia, 1990). Não tinha o intuito de somente criar uma temática e peça teatral em si, mas de voltar o enfoque à realidade, partir de experiências reais. Essas escolhas levaram o dramaturgo Júlio Romão a engajar-se no teatro negro como uma maneira transcender os palcos, sempre visando repassar uma crítica social e política.

Essa ideia de engajamento, de acordo com Paranhos (2017, p. 196), “parte do princípio de que os autores que falam sobre a realidade brasileira (sob diferentes óticas) são engajados. Isso significa dizer que o teatro é uma forma de conhecimento da sociedade”.

Havendo o envolvimento de diversos negros para desenvolver teatro como um projeto de ação política negra, destaca-se o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado na cidade do Rio de Janeiro, modificando realmente a cena brasileira porque ele provocou os primeiros atores negros e incentivou a criação das primeiras peças de teatro negro” (DOUXAMI, CHRISTINE, 2001, p. 317) e “constitui-se como uma iniciativa pioneira no teatro brasileiro e, histórica e teoricamente, ainda é a maior referência de teatro negro no Brasil” (LIMA, 2010, p. 2).

O Teatro Experimental do Negro (1944), então, caracterizou-se pela mistura do cultural com o político, valorizando a cultura afro-brasileira e denunciando o racismo através da arte (DOUXAMI, CHRISTINE, 2001, p. 320). Visava integrar o negro na sociedade brasileira; criticar a ideologia da branquidade, a valorizar a

contribuição negra à cultura brasileira, mostrar que o negro era dotado de visão intelectual e dotar os palcos de uma dramaturgia intrinsecamente negra. (NASCIMENTO *apud* LIMA TAVARES, 2010, p. 62). O que acarretou um caráter polêmico ao TEN: ganhava força numa sociedade que há séculos tentava esconder o sol da verdadeira prática do racismo e da discriminação racial com a peneira furada do mito da “democracia racial” (NASCIMENTO, 2004, p. 210).

O TEN foi responsável também por exibir na cidade do Rio de Janeiro, pela primeira vez, a obra de Júlio Romão “A Mensagem do Salmo” em formato de dramaturgia, porém, houve certo choque de ideias de Júlio Romão com Abdias Nascimento, pois, segundo Aci Campelo (2018, p. 17).

Abdias Nascimento queria estreiar um espetáculo do grupo no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, berço da burguesia carioca, como forma de chamar a atenção para a causa negra, Júlio foi contra. Para ele, o grupo queria aparecer, e só iria apenas preencher um espaço do próprio branco. A briga, segundo ele, foi feia. Interessante ou desinteressante, é que não se sabe se foi essa polêmica que fez Abdias Nascimento não citar Júlio Romão em suas entrevistas, inclusive, em um vídeo sobre sua vida.

Sobre esse choque de opiniões, o tema da religiosidade afro-brasileira foi bastante presente nesses espaços do TEN e, por isso, Júlio Romão visava peças teatrais mais precisas, retratando a importância de se inserir desde o planejamento da peça até a atuação da peça. Segundo Júlio Romão, ao Jornal Meio Norte (2007),

Em todo o meu teatro eu sou também personagem. Não importa o tema, ambiente ou a época da ação. O essencial é que estejamos nele. Ainda que na simples personificação de um sentimento reduzido a síntese filosófica. Parto sempre de um princípio: todos nós intérpretes na vida do grande drama escrito por Deus, somos andarilhos no tempo a procura de Canaã, ou melhor, anjos caídos a busca de um paraíso perdido. Visto os fatos e as causas por esse ângulo, retrospectivamente encarno-me eu, em posição marcada, como os demais do mundo e da época em que vivo nesta saga dramática de Israel.

Essa citação corrobora a principal função do teatro aspirado por Júlio Romão que buscou ser personagem e estar de alguma maneira presente, pois ocorre em três divisões: sendo a performance negra, a presença do negro e o teatro engajado negro. Pode-se dizer que essas três categorias que qualificam o teatro negro constituem as três principais ferramentas de abordagem desse teatro: a dramaturgia, as formas expressivas negras e o discurso militante (LIMA, 2010, p. 46). Havendo então a busca pela contestação do negro nas artes cênicas através da sua atuação e

de um teatro com a mesma qualidade que introduzisse, definitivamente, a dramaturgia para os negros que era até então, de certa forma, inexistente.

É evidente a perspicácia de Júlio Romão em buscar atingir com suas narrativas nas peças através do que foi aludido na citação acima, quando explana “encarno-me eu, em posição marcada como os demais do mundo e da época em que vivo nesta saga [...]”. O dramaturgo teresinense traduz o teatro histórico, religioso e engajado afro-brasileiro que anseia por igualdade, liberdade e fraternidade para os negros em diáspora, utilizando-se do tom profético das parábolas do Evangelho. (FERREIRA, 2017, p. 31)

Conforme, Ferreira (2013, p. 1) nessa peça Júlio Romão

Desloca a hegemonia do Cristo branco e ocidental, reinscrevendo-o num espaço aberto ao diálogo com a religiosidade e a tradição africana. Estrategicamente, a peça se apoia nos modelos dramáticos ocidentais e nas culturas orais africanas, como na “chamada e resposta” da herança “griot”<sup>26</sup> em diáspora, este poeta, cantor e músico da tradição africana, transplantado no Novo Mundo.

A obra “A Mensagem do Salmo”, enquanto peça de teatro, delineia a luta do dramaturgo Júlio Romão através da forma como conta ou dramatiza as tradições africanas e a religião com a relação de culturas divergentes que se fortalecem com a escrita afro-brasileira, colocando-se diante da realidade vigente (SOUZA, 2013, p. 3).

O autor teatral – e sua criação espiritual, o texto dramático – passa, assim, a ocupar papel de destaque e a integrar o seletivo mundo das artes. Essa é origem histórica e conceitual do culto ao autor (MOSTAÇO, 2012, p. 5). porém a peça “Mensagem do Salmo”, no ano de 1964, foi considerada subversiva, perseguida e censurada.

Mesmo assim, virou filme produzido no Instituto Nacional da Juventude Mexicana, Che Guevara foi colocado como Cristo (Jornal O Dia, 1990) e ,de acordo com Campelo e Ferreira (2012, p. 152), essa peça tinha o objetivo realmente de repercutir popularmente, porém de uma maneira estética e acessível à uma minoria de apreciadores de uma arte autêntica, com alta espiritualidade, mas com sentido políticos e contestatórias.

---

<sup>26</sup> Griots eram contadores de histórias africanos, da região de Senegal, Gâmbia e Mali que tiveram um importante papel na evolução e manutenção da cultura e tradição de todo o continente, justamente por meio de sua palavra. Disponível em: [www.griots.org.br/2019/conheca-os-griots/](http://www.griots.org.br/2019/conheca-os-griots/) Acesso: 27/01/2020.

Portanto, compreende-se que Júlio Romão buscou inserir o negro em todas as etapas do seu teatro, além de símbolos negros na construção da cena. Visto que a sua escrita almejava, sobretudo, defender uma identidade negra, o que permitiu transformar sua obra “Mensagem do Salmo” em peça teatral unindo seu teatro religioso e afro-brasileiro para auxiliar no combate aos estereótipos criados nas produções dramaturgas e na própria história brasileira, pois todo esse estereótipo é resultado de um discurso que colocou o negro sempre como inferior ao branco.

Dessa forma, o Teatro Experimental do Negro, foi de extrema relevância para combater o racismo através das artes cênicas, destacando-se como um ato político, social e cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a história de um intelectual é de extrema relevância, principalmente, para a historiografia, que se atenta para reconhecer e preservar a sua trajetória, compreendendo como conseguem atingir um grau de reconhecimento dentro da sociedade e incluindo seus aspectos enquanto grupo que auxilia, através de sua produção, a preservação de uma memória e de alguma concepção, de acordo com a época ou a necessidade de abordagem de determinado assunto.

Os intelectuais tiveram uma participação importante no Piauí, tanto na construção quanto na preservação da história piauiense. Por essa razão, este trabalho buscou, a priori, apresentar quem foi Júlio Romão da Silva bem como permitiu contestar a sua contribuição enquanto referência para as diversas instituições que o acolheram e a qual o mesmo almejou.

Assim, percebe-se que a sua paixão pela leitura e escrita, desde cedo, foi essencial para a viabilização para tornar-se um intelectual, vencendo os preconceitos com os quais se deparou durante toda sua vida, principalmente, em razão da cor da sua pele e condição financeira. O preconceito refletiu na sua formação primária e superior, sendo notórias as diversas dificuldades e que vivenciou. Mesmo com todos os impasses abordados no decorrer do trabalho, acredita-se que esta personalidade piauiense conquistou aquilo pelo que mais lutou: ser referência para a sociedade e para a História, principalmente, para a reafirmação dos sujeitos negros e suas identidades.

Dessa forma, conhecer e reconhecer a trajetória de vida de Júlio Romão da Silva foi uma primeira tarefa para se chegar e concretizar a história, sobretudo, por manter-se sempre preocupado e atento com as mazelas da sociedade, compreendendo sobre seu tempo e as experiências que se delineavam durante seus caminhos nos diferentes setores do Piauí e do Rio de Janeiro.

É exemplo, então, de sujeito defensor de suas raízes que buscava, através da sua bagagem intelectual, estabelecer mútua troca com outros intelectuais, que destacavam-se na sociedade piauiense, e com os quais já convivia por causa de sua avó que colaboraram, posteriormente, para tornar-se um homem das letras e ser motivo de orgulho de toda sua família.

Através das suas obras, pode-se perceber que Júlio Romão enquanto intelectual abrangeu diversas temáticas, foi um sujeito versátil, com uma forma de escrita que se aproximava do seu real interesse, sendo sempre fiel ao seu ofício. Na maioria delas, como “A Mensagem do Salmo”, é visível seu desejo em expor sobre a cultura negra, principalmente, por manter um diálogo com a religiosidade e a tradição africana.

E, as outras duas obras que foram abordadas no decorrer do trabalho, a obra “Memória sobre a transferência da capital do Piauí” e “O Índios Bororós: família Etnolinguística”, mostram o objetivo de Júlio Romão, na primeira, em abordar sobre a memória de sua cidade natal apresentando aspectos da capital piauiense e, na segunda, a sua relação com a geografia e com a importância de defender a língua indígena. Faz-se necessário, analisar a fundo essas duas obras, visto que neste momento, não foi o foco principal dessa pesquisa.

E outras questões a serem destacadas são seus ensaios biográficos, dentre eles, “Teodoro Sampaio A vida, a obra, a figura humana” e “Luís Gama: o mais consequente poeta satírico brasileiro”, que não tiveram apenas a intenção de contar a vida desses sujeitos, mas também uma maneira de ter um valor literário e como forma de expor um conhecimento sobre a realidade étnico-racial. E nisso Júlio Romão objetivava evidenciar o preconceito que existia não somente com ele, porém, igualar suas histórias apesar de contextos e sujeitos de diferentes épocas, assumindo a sua identidade negra e usando da escrita como resistência ao preconceito e opressões que persiste na sociedade.

Ao longo deste trabalho, buscou-se analisar a questão do intelectual engajado na escrita afro-brasileira demonstrando que em sua carreira Júlio Romão se sobressaiu enquanto militante e defensor dessa escrita. Optou-se, pois, por identificar nesses seus escritos e atuações sua vontade de falar por si e por todos aqueles que não tem representatividade na sociedade.

Foi possível notar, através da discussão acerca do engajamento de Júlio Romão na dramaturgia e sua aproximação com Solano Trindade nos movimentos negros, que seu papel enquanto militante surtiu efeito, principalmente, no Rio de Janeiro, visto que aqui não encontram-se notícias sobre sua militância negra em Teresina ou nem no Piauí, até mesmo por que essa sua atuação estava mais em voga no Rio de Janeiro, visto que era a cidade em que ele estava morando nesse contexto de inserção dos movimentos negros e da dramaturgia, sobretudo, no Teatro

Experimental do Negro (TEN). Movimentos esses que passam a inserir a participação dos negros, assim, enquanto um dos precursores da luta pela igualdade racial deixa o seu legado de 95 anos de luta pela valorização dos que merecem, independentemente da cor da pele, respeito, da importância de se preservar a língua indígena e de um renovador do teatro religioso, para toda a sociedade brasileira.

É até mesmo contraditório, devido ao que foi explanado no decorrer do trabalho, afirmar que ele não teve reconhecimento no Piauí, porém, pôde-se constatar, que o conhecimento sobre a trajetória de vida de Júlio Romão encontra-se restrita ao meio acadêmico e à classes abastardas, principalmente, no território piauiense.

O público piauiense não tem o conhecimento sobre esse sujeito ímpar e não sabe da importância do mesmo para a produção cultural do Piauí, visto que sua trajetória só é conhecida, na maior parte, entre pessoas que foram próximas a ele. O que confirma a ideia de que os intelectuais da elite ou de famílias renomadas, continuam sendo os que alcançam maior atenção da sociedade.

Por fim, a pesquisa, apesar de suas limitações, espera ter conseguido lançar luz sobre a pessoa de Júlio Romão da Silva e sobre aspectos da sua carreira que são poucos pesquisados e reconhecido, além de contribuir para preservar a sua história enquanto intelectual piauiense, negro, nordestino e militante, que tinha tudo para não conseguir ascensão, mas com sua dedicação contornou todas essas dificuldades.

Apesar de não ter a mesma atenção que os outros intelectuais do Piauí, de alguma maneira, a sociedade piauiense deve conhecer e orgulhar-se da história de Júlio Romão da Silva, principalmente, por ter honrado seu nome e pelo seu legado deixado à literatura piauiense e à memória da cidade.

## REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAMPELO, Ací. Júlio Romão da Silva, do amparo à glória. In: SOUZA, Elio Ferreira, *et al.* **Literatura afro-brasileira e africana**. Teresina: FUESPI, 2018. 782f.
- CAMPELO, Ací; FERREIRA, Elio. **Júlio Romão da Silva: entre o formão, a pena e a flecha: fortuna da obra de um escritor negro brasileiro**. Teresina: EDUFPI, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- COELHO, Celso Barros. A Mensagem do Salmo. Teresina: **Meio Norte**. 2 mar. 2007, [s.p]
- COELHO, Celso Barros. Etnólogo e Humanista. Teresina: **Meio Norte** 12 jul. 2002. Caderno Alternativo, p. 02.
- COELHO, Celso Barros. O escritor Júlio Romão e a ABL. Teresina: **Meio Norte**. 11 ago. 2000, Caderno Alternativo, [s.p]
- CORREA, Rubens Arantes. Intelectuais e a Escrita da História: as contribuições metodológicas de Jean-François Sirinelli, **Revista Escritas**, Tocantins, v.8, p.265-278, 2016.
- DIAS, Maurício Ferreira Dias. Um negro “quase” na ABL. Teresina: **O Estado**. 2 fev. 1994, [s.p]
- DOUXAMI, Christine. Teatro negro: a realidade de um sonho sem sono. **Revista Afro-Ásia**, Bahia, p. 313-363, n. 26, 2001.
- DUARTE, Luci Lima. Escritor contesta autenticidade de Carta. [s.l]: **Cidades**. [s.d] p. 2.
- FERREIRA, Eduardo Gefferson Silva; LOPES, Marcelo Leandro Pereira. Memórias e Raízes: os alicerces da Faculdade de Direito do Piauí (1930-1935). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, vol. 7, p.1-17, n. 13, jan/jun, 2013.
- FILHO, Alcebíades Costa. Para escrever uma Biografia de Júlio Romão da Silva. In: SOUZA, Elio Ferreira *et al.* **Literatura afro-brasileira e africana**. Teresina: FUESPI, 2018. 782f.
- FILHO, Manoel Ricardo Arraes. O poder local: as oligarquias e a composição parlamentar na assembleia e na câmara federal (1982-1995). In: EUGENIO, João

Kennedy. **História de vários feitos e circunstância**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. 320 p.181-207.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. O Olhar da crítica afro-brasileira: três momentos. In: SOUZA, Elio Ferreira, *et al.* **Literatura afro-brasileira e africana**. Teresina: FUESPI, 2018. 782f.

FRANCO, Francisco Lima. Júlio Romão lança “crítica” de Luís Gama. Teresina: **Jornal O Dia**. 3 set. 2004. Caderno de Literatura, p. 1.

FRANCO, Francisco Lima. Luís Gama: o precursor do abolicionismo. Teresina: **Jornal O Dia**. 3 set. de 2004, p.1.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Antologia da Academia Piauiense de Letras**. Teresina: Halley, 2007.

HASENBALG, C.A. Comentários “Raça, cultura e classe na integração das sociedades. Rio de Janeiro, Dados, **Revista De Ciências Sociais**. vol. 27, n.3, p. 148-149,1984

JÚLIO ROMÃO faz 80 anos e recebe homenagens. **Notícias Acadêmicas**, Teresina. 1997, p.4.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **De Amadores a Desapaixonados**: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2005.

JÚNIOR, Osmar. O Exemplo de Júlio Romão. Teresina: **Diário do Povo do Piauí**. 21 mai. 2010. Caderno de Política, p. 4.

LIMA, Evani Tavares. **Um olhar sobre o teatro negro do teatro experimental do negro e do bando de Teatro Olodum**. 2007, n.3-307. Tese (Doutorado) – Programa de Pós- Graduação do Instituto de Artes da UNICAMP, Campinas, 2010.

MACHADO, Bárbara Araújo. **A Função de Intelectual**: um diálogo entre Antônio Gramsci, Pierre Bourdieu e Edward Said. Revista de Teoria da História, Minas Gerais, vol.7, p. 212-224, n. 13, Abr. 2015.

MELO, Antônio Maurení Vaz Verçosa de. **Em palavras de ordem e em linhas de conduta**: a participação dos intelectuais piauienses na Era Vargas (1930-1945) In: SIMPÓSIO Nacional de História, 15. Fortaleza, CE, 2009. Anais do XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza: ANPUH, 2009.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais a Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOSTAÇO, Edelcio. **Teatro e História Cultural**. Marília (SP): Baleia na Rede, v.9, n.1, p.1-14, 2012.

MOURA, Iara Guerra de Miranda. **Historiografia piauiense**: Relações entre a escrita histórica e instituições político-culturais. 2010. 254f. Dissertação (Mestrado) –

Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

NASCIMENTO, Abdias. **Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões.** Estudos avançados. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v.18, p. 209-224, n.50, 2004.

NASCIMENTO, Alexandre. **Ação afirmativa – da luta do movimento social negro às políticas concretas.** Rio de Janeiro: Cadernos CEAP, 2006, p. 8.

NETO, Adrião. **Escritores Piauienses de Todos os Tempos:** Dicionário Bibliográfico. Teresina: Halley, 1995.

NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. **Oligarquia Pires Ferreira: família e poder político no Piauí (1889-1930).** Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.

O DRAMATURGO Júlio Romão lança em livro a peça 'A mensagem do Salmo'. **Jornal O Dia**, Teresina. 11 jul. 1990, [s.p]

OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. **Negro Intelectual, Intelectual Negro ou Negro-Intelectual:** considerações do processo de constituir-se negro-intelectual. 2014, 207f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

OLIVEIRA, Maybel Sulamita de. **O Teatro Experimental do Negro em meio a militância e a intelectualidade:** Eventos programáticos realizados entre 1945 e 1950. 2018, 209f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. **História & teatro, teatro & história: uma relação tão delicada.** Revista O eixo e a roda, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 187-205, 2017.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **“O Mundo Negro”:** a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2010.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Educação no Piauí: 1889-1930.** Imperatriz, MA: Ética, 2008.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República:** Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 2ª edição Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí; João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1998.

RAMOS, Airton. ROMÃO talento que vence o preconceito. Teresina: **Jornal O Dia**. 8 mai. 2003. Caderno Metrópole, p. 8.

RODRIGUEZ, Maria Dolores Sosin; FONSECA, Silvana Carvalho da; SILVA, Jorge Augusto de Jesus. O Intelectual Negro: agente de letramento. **Revista da ABPN**, [S.l.], v.10, p.340-362, Jan. 2018.

SALINAS, Walmir Ruis; TROVO, Marlene. **O Movimento Negro no Brasil (1970 – 2010): resistência e conquistas.** Paraná. Cadernos PDE, v. 1, p.2-12, 2014.

SILVA, J. R. Júlio Romão da Silva: entrevista. [2013]. Entrevistador: Cleginaldo Coutinho. Teresina, Set Audiovisual, 2013. **Entrevista concedida ao programa Recontar.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K4aRcKomC-k>. Acesso em: 30 jul. 2019.

SILVA, Jorge Augusto de Jesus. **Pensando o Intelectual contemporâneo a partir do campo da literatura afrobrasileira.** Salvador: IHAC, 2012.

SILVA, Júlio Romão da. **A Mensagem do Salmo: saga dramática do cristianismo.** 3ª Ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1990.

SILVA, Júlio Romão da. **Luís Gama: o mais consequente poeta satírico brasileiro.** Rio de Janeiro: MLG, 2002.

SILVA, Júlio Romão da. **Memória histórica sobre a transferência da capital do Piauí.** 3 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

SOUSA, Ana Cristina Meneses de. **Escrita dos Movimentos Interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992).** 2012. 267f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2012.

SOUZA, Élio Ferreira de. **A Mensagem do Salmo: o Evangelho segundo Júlio Romão da Silva, o griot transplantado e o teatro afro-brasileiro no tempo do governo militar.** Campina Grande: ABRALIC, 2013.

SOUZA, Elio Ferreira de. A Mensagem do Salmo: o teatro afro-brasileiro de Júlio Romão da Silva, o griot transplantado para a Negritude nos tempos da ditadura do governo militar no Brasil. In: SOUZA, Elio Ferreira, *et al.* **Literatura afro-brasileira e africana.** Teresina: FUESPI, 2018. 782f.

SOUZA, Henrique Restier Da Costa. **Como é ser um homem negro no Brasil?** Publicado em 3 de julho de 2017. Acesso em: 30 jul. 2019. Disponível em: <http://www.justificando.com/2017/07/03/como-e-ser-um-homem-negro-no-brasil/>

TRAPP, Rafael Petry. **Intelectuais Negros no Brasil: uma proposta de análise a partir de Eduardo de Oliveira e Oliveira.** Curitiba: UFPR, 2015.

TRAPP, Rafael Petry; SILVA, Mozart Linhares da. Movimento Negro no Brasil Contemporâneo: estratégias identitárias e ação política. Santa Cruz do Sul: **Revista Jovem Pesquisador**, 2010.

UM LEGADO de 90 anos de luta em forma de arte para a valorização de identidades. **Jornal Sapiência**, Teresina. mar. 2008. p.7.

VILARINHO, Marco. Um aventureiro das Letras. Teresina: **Jornal O Dia**. 24 abr. 2005. Caderno Metrópole, p. 3.